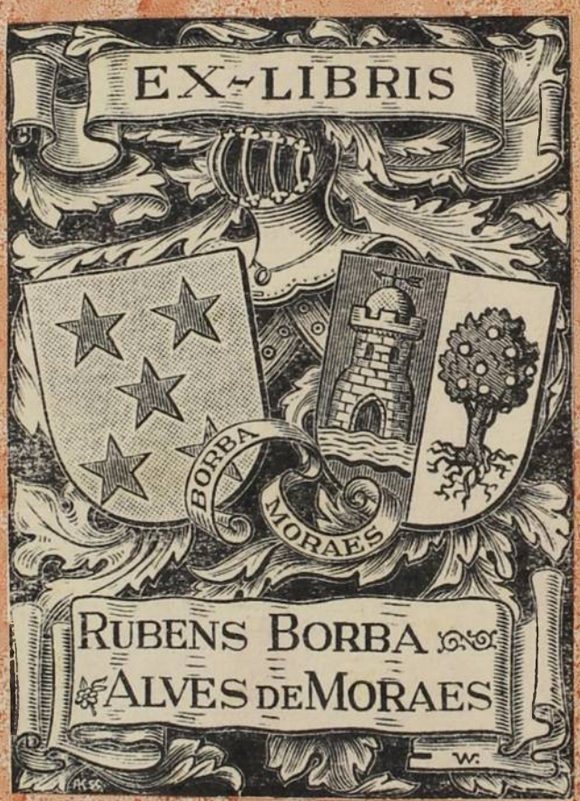

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

MARIO DE ANDRADE

NAMOROS COM A MEDICINA

BIBLIOTECA
DE INVESTIGAÇÃO E CULTURA
DIREÇÃO DO PROF. JOSUÉ DE CASTRO

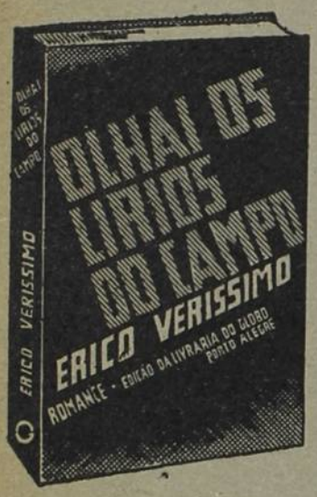
5

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO — PÔRTO ALEGRE

4 EDIÇÕES EM 5 MESES!

Olhai os lírios do campo

por Erico Verissimo



OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO é uma história da vida moderna cuja personagem central é um jovem médico que, fascinado pela "sua carreira" e pelo "sucesso", esquece o que tem de mais humano.

A parte mais intensa do livro é a em que vemos o heroi à procura de sua alma. Outras personagens surgem e com elas aspectos da nossa época: a corrida para o prazer, o culto do sucesso, a falta de rumos espirituais, a dissolução da família, o problema do amor... O mais curioso é que Olivia, uma das personagens principais de OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO, está morta quando se inicia a ação da história, — o que não impede que a sua presença invisível impregne todo o livro, dando-lhe um tom de mistério.

Composto segundo uma técnica nova, êste novo romance de Erico Verissimo, diferente de todos os anteriores do mesmo autor, tem uma imensa força de atração — o elemento humano.

Preço: 8$000 — Edição da Livraria do Globo — P. Alegre.

NAMOROS COM A MEDICINA

OBRAS DO AUTOR

Há uma Gota de Sangue em cada Poema — poesia — 1917 (esgotado)

Paulicéia Desvairada — poesia — 1922 (esgotado)

A Escrava que não é Isaura — poética — 1925

Losango Caqui — lirismo — 1926 (esgotado)

Primeiro Andar — contos — 1926

Amar, Verbo Intransitivo — idílio — 1927

Clan do Jabuti — poesia — 1927 (esgotado)

Macunaíma — rapsódia — 1.ª ed. 1928; 2.ª ed. 1937

Ensaio sôbre Música Brasileira — estética e folclore — 1928

Compêndio de História da Música — 1.ª ed. 1929; 2.ª ed. 1933; 3.ª ed. 1936

Modinhas Imperiais — antologia — 1930

Remate de Males — poesia — 1930 (esgotado)

Fräulein — "Amar, Verbo Intransitivo" adaptado para o americano, por M. Richardson Hollingsworth — 1933 (esgotado)

Belazarte — contos — 1934

Luciano Gallet — introdução aos "Estudos de Folclore" de Luciano Gallet — 1934

Música, doce Música — estudos musicais — 1934

O Aleijadinho e Álvares de Azevedo — ensaios — 1935 (esgotado)

A Música e a Canção Populares no Brasil — ensaio bibliográfico — 1936

Cultura Musical — oração de paraninfo (separata da Revista do Arquivo, de S. Paulo) — 1936 (esgotado)

O Samba Rural Paulista — folclore — (separata da Revista do Arquivo, de S. Paulo) — 1937

Namoros com a Medicina — crítica e folclore — 1938

MÁRIO DE ANDRADE

NAMOROS COM A MEDICINA

I - Terapêutica Musical
II - A Medicina dos Excretos

1045 A

1939
EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
— Filiais: Santa Maria e Pelotas —

ADVERTÊNCIA

JOGADO fora da escrita por paixões talvez mais humanas, aos poucos vou retornando ao vício velho da literatura. A meiga pressão dum amigo me fêz lembrar por isso que tinha, ao léu da paciência, ajuntado as minhas fichas sôbre assuntos que queria bem, relacionados com a medicina, e escrevera os dois ensaios que estão aquí.

O sôbre a Terapêutica Musical *foi inicialmente uma conferência, recitada na Associação Paulista de Medicina, e apareceu em seguida no mensário "Publicações Médicas". Esta mesma revista teve a gentileza de aceitar o segundo ensaio,* A Medicina dos Excretos, *que não foi recitado em lugar nenhum, Deus-me-livre! Nem poderia dizer o que nessa página escreví, nem outros escutariam. Os olhos são bem mais ásperos que os ouvidos, e aceitam com mais facilidade a descrição de uns tantos escaninhos da vida. Mas estou falando mal dos olhos sem razão. Nem êles são mais resis-*

tentes, nem os ouvidos mais delicados. Tudo é questão de inglesa decência, e os ouvidos requerem homem diante de homem. As palavras escritas não: a gente pode ler no seu cantinho, afastado dos seus iguais e capaz de quaisquer horrores.

Sei, juro que sei que estes ensaios valem pouco. Valem aliás o que verdadeiramente sou: Aquela "pachorra investigadora" que a crítica subtil de Gilberto Freyre decidiu de minha literatura. Minha maneira de trabalhar é assim: Vou lendo, desgraçadamente sem muito método, aquilo que pelo seu autor ou seu assunto me dá gôsto, ou responde às perguntas do meu ser muito alastrado. Como desde muito cedo tive memória pouca mas estimo ter resposta pronta às minhas perguntinhas, tomei o hábito virtuoso de fichar. Os anos, não eu, reüniram assim um regular deserto de fichas. Apelidei "deserto" aos meus fichários, não vaidoso do número das minhas fichas, incomparàvelmente menos numerosas que os grãos de areia de qualquer praínha, quanto mais deserto. Disse "deserto" mas foi por causa das miragens. Há os que me chamam de culto apenas porque tenho alguma paciente

leitura. Há momentos em que me acredito seguro de um assunto, apenas porque sôbre êle tenho cento e vinte fichas. Perigosas miragens...

Não. Devo ser mais modesto e principalmente mais hábil diante de mim. Sou apenas um grande amoroso das minhas perguntinhas, e estes namoros com a medicina são bem característicos de mim. Não ouso recusar que haja bastante inteligência no que escrevo... Nós, Brasileiros, somos muito inteligentes, já se acostumou a falar. Mas que de perguntinhas, meu Deus! que de desertos!...

Resta explicar, rapazes, porque ligo tanto à medicina. E' ainda uma questão de pachorra, uma espécie de mal-aventurada dôr-de-corno. Ninguém ignora que uma das... pegas infantis mais vulgarizadas no Brasil, e talvez no mundo, é perguntarem ao rapazinho o que êle vai ser na vida. Foi o que fizeram também comigo uma vez, eu não teria dez anos. Fiquei atrapalhado, com muita vergonha de mim, e de repente escapei: — Vou ser médico. Positivamente eu não tinha a menor disposição para ser médico, nem coisíssima nenhuma. Era menino, e apenas

nos poucos momentos em que largava da meninice, achava bonito, desejava, confesso, desejava ser homem grande, tomar bonde, fumar, andar com dinheiro no bôlso. Vou ser médico... Pra que falei tamanha bobagem! Todos acharam a resposta muito certa e nunca mais se discutiu dos meus futuros. Nem eu discuti. Fiquei certo como os outros que ia ser médico no mundo, mas jamais fiz o menor esfôrço para me dirigir. Nem os outros, seja dito em honra de meus bons pais. E fiquei... o diabo é que nunca pude esclarecer direito o que fiquei; e sinto sempre uma hesitação danada quando, nos hotéis, enchendo a ficha de hospedagem, tropeço no "Profissão". Pianista? Professor? Jornalista? Crítico de arte? Folclorista? ou mais recentemente: Funcionário Público? Só me arrependo de não ter ficado médico por causa dos fichários dos hotéis. No resto não me arrependo, porque não tenho mesmo a menor vocação.

Mas aquela resposta de menino me vaia a vida inteira. Me tornei médico às avessas, isto é, doente. Mais ou menos imaginário. Sou duma perfeição prelecional no descrever os sintomas das doenças. Das mi-

nhas doenças. E finalmente a medicina entorpeceu minhas leituras. Li bastante sôbre os bastidores dela, e principalmente a sua história. E quando encontro, em leituras outras, qualquer referência sôbre medicina, ficho. Fichava aliás. Por que fichava? Fichava sem saber porque fichava. Fichava por causa daquela resposta de menino e porque os instintos viciados, ignorantes das proporções e dos anos, continuam imaginando que ainda serei médico um dia.

Não tem dúvida que uma certa amenidade irônica resguarda das côres negras esta Advertência, *mas não estou longe de pensar que nestas linhas vai um trágico bem profundo, que afinal acabou se desnudando. Êste livro.*

Mário de Andrade.

S.-Paulo, 22 de novembro de 1937.

I

TERAPÊUTICA MUSICAL

TERAPÊUTICA MUSICAL

"A gente fica danado de ver que nenhuma arte é tão inconstante como a medicina, e sujeita a modificações a-pesar-de ser ela a mais lucrativa"... **Plínio Moço.**

Não devo insistir sôbre os efeitos psíquicos e fisiológicos da música, mais que suficientemente provados pela experiência de cada um, pela tradição e pela ciência. De resto, negar êsses poderes, seria negar a própria função dos sentidos... O que nos interessa pois, neste início, é reconhecer a fôrça biológica excepcional da música, em comparação com as demais artes. Donde lhe vem o seu extraordinário poder de atuação sôbre o indivíduo e sôbre as massas? A meu ver, de duas cousas essenciais: da fôrça contundente do seu ritmo, e da indestinação intelectual do seu som.

Tôdas as artes têm ritmo, mesmo as artes da imobilidade, mas o ritmo musical organiza com mais energia a dinâmica do ser. Isso deriva da sua liberdade. Na música o ritmo aparece nu, o ritmo é puro, sem elementos que o disfarcem e o distraiam. Na música, o ritmo não está condicio-

nado a formas ou sons reconhecíveis ou explicáveis intelectualmente, como na pintura, na escultura, na arquitetura, na literatura. Com efeito na própria poesia e principalmente na oratória, únicas artes que se aproximam da música como poder psicológico, o ritmo ainda aparece condicionado a sons de valor intelectual, as palavras. De forma que êle se enfraquece, vê derivado grande parte do seu efeito fisiológico, pelos interêsses psicológicos da frase. Ao passo que o som musical não tem sentido algum, não diz coisíssima nenhuma reconhecível pela inteligência como representação, quer do mundo exterior, quer do nosso mundo interior. Qualquer palavra e qualquer agenciamento de palavras, desvia o seu poder rítmico para a representação duma imagem ou dum juízo que nada tem que ver com o ritmo e o impurifica. Na música, como os sons não são representação de coisa alguma, e as melodias são puras imagens sonoras de sentido próprio, o ritmo se apresenta puro, indisfarçado, não desviado, contendo a sua significação em si mesmo. Daí poder êle manifestar tôda a sua violenta fôrça dinamogênica sôbre o indivíduo e sôbre as multidões.

Uma observação vai nos caracterizar bem esta afirmativa. E' incontestável que a oratória tem o poder de eletrizar o indivíduo, e principalmente a coletividade. Porém é verificação comesinha e de todos nós, que ela eletriza muito mais pelos empréstimos que faz à música e à dansa,

do que pelos valores que lhe são essenciais. Um discurso inteligentíssimo, cheio de ciência, de raciocínios elevados e imagens raras, jamais não eletrizará ninguém. Ao passo que muitas vezes nos surpreende, lendo o jornal, a vacuïdade, a banalidade, o mal pensado dum discurso que nos apaixonou quando ouvido na véspera. E' que na véspera o que ouvimos, ou melhor, **o que recebemos do discurso ouvido,** não foi exatamente o sentido intelectual que êle nos devia dar e era sua finalidade, mas a chuva de palavras bem ritmadas, ditas por uma voz simpática, provinda dum ser que sabia dansar em gestos veementes. A mais dinâmica manifestação da oratória é o béstia; e quanto mais sonoro o béstia, mais glossolálico, menos exigindo de nós o pacífico individualismo de bem pensar, mais êle dinamiza o ser, mais eficaz é a sua rítmica e mais êle se aproxima da música.

De modo que o ritmo musical é de todos os ritmos artísticos o de maior poder fisiológico, por se apresentar mais puramente. E por isso muitos autores colocam como causa primeira do aparecimento da música, não o som que lhe é exclusivo, mas o ritmo. "Im Amfang war der Rhythmus", "no princípio era o ritmo", na célebre frase de Buellow. Com efeito, é principalmente nas civilizações naturais dos primitivos em geral, que o ritmo predomina fortemente. Qualquer música, qualquer manifestação sonora entre os selvagens, e mesmo qualquer ação social que congregue a

tribu, é acompanhada de ritmos asperamente batidos, e os instrumentos de percussão dominam soberanamente. Isso é conseqüência lógica do efeito, digamos desde já, **terapêutico** do ritmo. Acelerando a dinâmica do ser, provocando no indivíduo estados cenestésicos violentos, êle ativa, desenvolve, aguça as faculdades fisiológicas. E porisso é um medicamento ao mesmo tempo individual e coletivo, não apenas propício mas necessário a essas civilizações naturais, cujo interêsse se concentra principalmente na conformação do ser coletivo e no desenvolvimento das habilidades corporais. A conseqüência fisiológica do ritmo é coletivizar o ser e aguçar-lhe as faculdades. A sua conseqüência patológica é a bebedice, o depauperamento, a extirpação mesmo das faculdades da conciência e da razão, provocando assim, ora estados de sonolência, ora de encantação, ora de exaltação dionisíaca, bem próprios para aceitar qualquer absurdo.

Num estudo sôbre a feitiçaria nordestina, já tive ocasião de analisar a rítmica musical de alguns dos nossos cantos de macumba e catimbó.

Mostrei então êsses dois efeitos diversos de sonolência ou de exaltação. A sonolência é obtida pela monotonia de cantos curtos e lerdos, repetidos centenas de vezes, e cuja rítmica bem marcada se adorna, de quando em quando, de pequenas contradições, pequenas mutações matemáticas, a binaridade introduzida sùbitamente no ternário ou viceversa, encompridamentos inespera-

dos de compasso, provocando a fadiga de constantes readaptações dinâmicas do indivíduo e conseqüentemente a depressão, a sonolência, um enfraquecimento, uma incapacidade patológica de qualquer reação. E é quando os fiéis ficam nesse estado, que baixam do seu segrêdo irremovível, os Pai Joaquim, as Inhassãs, os Mestre Carlos, trazendo o remédio contra o reumatismo, a receita para as tristezas de amor ou ganhar no bicho.

Já noutras peças em que se busca a exaltação e o assombramento, a rítmica é duma violência marcada, duma igualdade inflexível, a dinâmica se acelera atingindo os alegros e às vezes os prestíssimos, de resto mais raros em nossas terras de calor. Esta aliás é ainda uma observação de ordem perfeitamente terapêutica: a música popular brasileira raríssimamente, a bem dizer nunca, atinge os andamentos rápidos que vão do "presto" ao "prestíssimo". O presto de algumas emboladas e modinhas urbanas que escutamos em disco, é criação artificial, provocada pela influência da música erudita ou semierudita, importada da Europa e dos Estados Unidos. Na realidade o povo brasileiro não precisou jamais do presto rápido para levar o ser às grandes rapidezes dinâmicas, porque, calor auxiliando, qualquer alegro já nos é incômodo e já nos leva aos paroxismos da exaltação.

Na feitiçaria os cantos exaltadores se caracterizam pelo alegro e pela repetição violenta dum ritmo inflexível. A bebedice chega aos poucos,

auxiliada pelo pêso da coreografia, e em pouco tempo a sociedade macumbeira, em pleno estado de encantação exaltadíssima, vê Xangô descer com seus consolos, encarnar-se no "cavalo-de-santo" mais frágil ou mais hábil, e as curas se realizam com abundância e ilusão. Desculpem-me os médicos, mas a cura se dá, cancros desaparecem, artritismos e nefrites, à custa de amuletos orantes, pedrinhas vindas da África, galos pretos imolados, ou garrafas de pinga esperdiçadas na onda da praia.

Já relatei noutro lugar a experiência curiosa que tive do efeito fisiológico do ritmo, num carnaval do Recife. Eu fôra ver as dansas iniciais do Maracatú do Lião Coroado. O pessoal, composto quase exclusivamente de negros e negras velhas, já estava na porta da rua dansando as cerimônias da, não sei se diga, adoração da Calunga, a boneca que passava de mão em mão dos dansarinos. Dum lado um tirador de cantigas, acompanhado de dois coristas, era o ponto de conexão dos instrumentistas numerosos, que formavam uma roda duns quatro metros de diâmetro, dentro da qual os dansarinos estavam. Eram só instrumentos de percussão, bombos, gonguês, ganzás violentíssimos, num bate-bate tão possante que me era absolutamente impossível escutar qualquer som dos cantores. Interessadíssimo em minhas paixões folclóricas, eu me introduzira indiscretamente na roda, para ver se grafava a linha das melodias. Mas mesmo com o ouvido quase

na bôca dos cantadores, não escutava nada ante a barulheira rítmica. Desistí da melodia e me apliquei apenas a registar os ritmos dos diversos instrumentos que, num binário bem fixo, formavam uma polirritmia duma riqueza admirável. Estava esquecido de mim, nesse trabalho de escrever, quando sentí um mal-estar doloroso, a respiração opressa, o sangue batendo na cabeça como um martelo, e uma tontura tão forte que vacilei. Sentí a respiração faltar, e caïria fatalmente se não me retirasse afobado daquele círculo de inferno. Fugí para longe, necessitado de reorganizar em sua pacífica fragilidade, meu pobre corpo de leitor infatigável. Mas os negros, as magras negras velhas lá ficavam com suas dansas macias, lá ficariam horas, lá ficariam a noite inteira junto daquele estrondo, cada vez menos leitores, cada vez mais corpóreos...

A segunda causa que, na minha opinião, torna absolutamente excepcional o poder de atuação biológica da música, está na indestinação intelectual do som. De resto já nas considerações anteriores isso ficou salientado. Tôdas as artes usam de elementos que são imagens da vida, diretamente compreendidas pela inteligência. Se um quadro, se uma poesia nós compreendemos também pelo que êles nos representam da vida, e é reconhecido pela nossa experiência; se a própria arquitetura é compreensível pela finalidade prática de suas formas, portas para entrar, tectos para cobrir, etc.; a música, pelo contrário, não contém imagens que sejam

representações inteligíveis. Por isso o som musical, se por um lado deixa que o ritmo se manifeste em tôda a sua fôrça, puro e sem desvio, por outro lado também se manifesta puro e sem desvio, contendo a sua significação em si mesmo. Deriva disso o seu mistério assombrado, e conseqüentemente a sua maravilhosa fôrça sugestiva. Sacha Guitry forçando-se, numa página cômica, por demonstrar que não entendia nada de música, afirmou uma feita que se gostava de música era porque ela lhe permitia pensar no que quisesse. Na realidade, brincando ou pretendendo brincar, Sacha Guitry fazia uma observação bem profunda. A música, mesmo a pretensa música descritiva, não nos fixa em imagens e assuntos limitados, em vez, pela sua vacuïdade intelectual, nos deixa num vazio que nós ativamente preenchemos com os elementos da nossa própria sensibilidade. A música provoca pois, em nós, verdadeiros estados ativos de assombramento, estados ativos de milagre e de mistério, estados duma disponibilidade incomparável, não apenas propícios a qualquer aceitação, mas exigindo ativamente qualquer aceitação (1).

(1) Entre a sugestionabilidade da música e a das outras artes há, senão uma diferença radical, pelo menos uma diferença essencial de percentagem de atividade do espectador. Diante dum quadro, diante duma poesia que descrevam qualquer coisa, a atitude do espectador é duma extrema, senão total passividade. O carvalho está à esquerda, com o regato banhando-lhe as raízes e há montanhas no longe. Isso a poesia e o quadro dizem e isso nós recebemos, vemos, concebemos. E absolutamente nada mais. Diante duma composição musical intitulada "Païsagem", que tenha por epígrafe essa

E é por êsse seu mistério que com unanimidade quase sem excepção, os povos primitivos dão à música origem divina, origem daimoníaca, ao passo que na infinita maioria se despreocupam de saber quem nos deu ou como surgiram as outras artes. Pois que estas são imagens da vida, nasceram determinadamente da vida; mas se a música nos assombra, nos comove e não diz nada, ela terá origem sobrenatural, inexplicável, assombrada e comovente como os próprios daimônios e antepassados míticos.

Rebato de passagem uma contradição possí-

---

mesma descrição que o espectador leia no programa antes de começar a execução, a atitude dêste espectador difere fundamentalmente como atividade. Se é um tipo visualizador dos sons, logo vai criando tôda uma outra ou mais rica païsagem, o carvalho se transformará fàcilmente num jequitibá ou num chorão de jardim público. Haverá mais árvores. Os pássaros cantarão fatalmente. Algum vento ou pelo menos brisa ciciará. Talvez uma vila ao longe, talvez bois. Bois caracús? Isso, aliás, no caso raro do espectador se sujeitar aos dados que leu. Na maioria das vezes esquecerá montanha e carvalho, para ver uma païsagem totalmente dêle. Enfim, diante duma païsagem vista ou lida, nós ficamos impossibilitados de movimentá-la, enriquecendo-a de elementos outros que não os apenas descritos. Isso porque a nossa atitude é eminentemente, é exclusivamente passiva. Ao passo que o ouvinte visualizador de música, é **obrigado** pela própria ininteligibilidade da música, a ter uma atitude imediatamente ativa e criadora. Enfim o ouvinte está sempre na mesma atitude em que estaria o leitor ou vedor, se fôsse obrigado a êsses exercícios escolares de descrever de qualquer forma uma leitura ou visão que teve. Entenda-se: a atitude é a mesma, mas a condição psicológica não é idêntica. Não apenas o ouvinte descreve **à medida que se comove,** o que lhe permite uma comoção descritiva muito maior, como descreve **porque se comove,** o que lhe dá uma liberdade lírica e personalidade de criação totais. Isto permite que, **para êle,** a païsagem **dêle** seja absolutamente verdadeira — o que no caso quer dizer, a mais comovente possível.

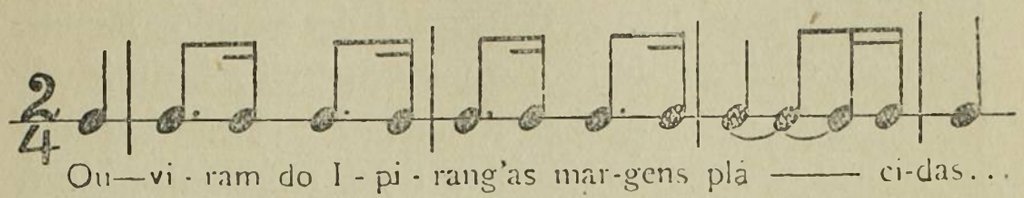
vel de ser lembrada: Se o som não diz nada à inteligência, é preciso notar no entanto que numerosíssimas vezes êle é acompanhado de palavras no canto, e que conseqüentemente estas palavras, inteligíveis também, desviam e enfraquecem o poder do ritmo musical. Esta contradição parece tanto mais importante que noventa e nove por cento das músicas dos primitivos e da música popular, são cantadas.

Mas é que o ritmo musical independe do ritmo da poesia ou da prosa musicadas. O problema mais debatido e jamais solucionado nem solucionável do canto, é justamente êsse: a independência do ritmo musical que jamais pôde nem poderá nunca sujeitar-se ao ritmo da palavra. Um exemplo simples demonstra o poder percuciente do ritmo musical e a fraqueza desviadora do ritmo poético, mesmo fortemente metrificado. Ninguém negará que o ritmo do decassílabo camoneano é um dos mais fortes, mais batidos da métrica nacional. Pois basta ver nesse ritmo o primeiro verso do Hino Nacional Brasileiro escrito por Duque Estrada, e ver o ritmo musical criado anteriormente por Francisco Manuel, para notar a diferença de fôrça dinamogênica. O verso de Duque Estrada mesmo declamado em tom heróico será:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas",

um ritmo sempre livre de regularidade de tempo, e preso à inteligência do texto. Ao passo que na

música de Francisco Manuel, o verso aumenta de rapidez, dificulta a compreensão do texto, mas prende-se ao movimento periódico do tempo:



De resto há provas numerosíssimas de que povo e primitivos desprezam totalmente às vezes, e sempre bastantemente, o sentido de seus textos. Os primitivos, bem como tanto as feitiçarias primárias como as religiões mais adiantadas, usam de textos que não são compreendidos por ninguém. A própria religião católica, a mais intelectual das religiões, mas também a mais observadora da psicologia humana, sistematiza ainda agora o emprêgo, intelectualmente absurdo, do latim em seus cantos litúrgicos. Não há negar: êsse latinório anacrônico tem uma função muito grande de sugestão sôbre o povo. Funciona com o mesmo assombramento das palavras cabalísticas, das glossolalias, que aparecem tanto numa fórmula religiosa do antigo Egito como no baixo-espiritismo dum canto de catimbó.

Nas canções populares encontra-se com freqüência pasmosa poesias truncadas, versos sem significação compreensível e palavras deformadas ao cúmulo duma aparente estupidez, como aquela modinha "Fui com prantos embalada, Minha mãe me estremecia", que a cozinheira de minha tia Amélia cantarolava ao fogão: "Fui comprando

num balaio, minha mãe m'istrimiçola"! Porém a estupidez é mais aparente que verdadeira. Tôda essa música, popular, religiosa ou primitiva, tem função terapêutica, função interessada social, quer de efeito coletivo, quer de efeito individualista. Está claro que esta função terapêutica não interessa ainda à medicina, mas pròpriamente à sociologia, à psicologia, à etnografia, pois não pretende curar doenças, mas ativar funções sexuais, funções místicas, funções heróicas, funções industriais (que nem os cantos-de-trabalho), ou mesmo funções familiares como as cantigas-de-embalo.

Voltando à ininteligibilidade do som, temos ainda que reconhecer que dessa sua própria qualidade, lhe vem o seu grande poder sugestivo. O ser biológico, colocado em nova cenestesia pela poderosa rítmica sonorizada, se põe a pensar no que quer, como diz Sacha Guitry. A imaginação predisposta começa a trabalhar com mais facilidade. A imaginação é fecundada pelo som e surge a ronda convidativa das imagens. São quase unânimes por isso, os povos e civilizações, em atribuir um etos às musicas, dotando muitas vezes cada uma delas de valores morais predeterminados. Na China, no Egito, na Grécia da Antiguidade êsses etos eram francamente fixados. No Catolicismo também, onde os padres da Igreja primitiva só aceitavam as escalas diatônicas e o som vocal, prescrevendo os cromatismos e os instrumentos, por imorais.

São constantes os reflexos dessa função ética atribuída à música, mesmo nos povos contemporâneos. No Japão contemporâneo, nos fins do século passado, inda se recusava o emprêgo da música popular japonesa no ensino das escolas, porque os cantos populares eram imoralizadores. Os hinos nacionais de todos os povos são considerados símbolos sociais da pátria, sua execução está regulamentada em lei, da mesma forma com que na Grécia clássica, o Nomos Pítico só servia para celebrações de Apolo. E' aliás freqüente a tendência para transportar o valor moral dum texto para a música em que êle é cantado. Não são raros entre nós os que classificam de "músicas imorais" os sambas cariocas e marchinhas carnavalescas, por causa do texto que a êles está ajuntado. Uns vinte anos atrás causou a maior indignação, um compositor que ainda vive aquí em São Paulo, ter ajuntado em polifonia, numa "Rapsódia Brasileira" para piano, o Hino Nacional e a melodia do "Vem cá mulata". O fato foi mesmo denunciado em jornais, como se as deliciosas notas do sambinha fôssem menos dignas que as do hino patriótico. E se quiserem uma confissão sincera: eu mesmo, com tôdas as experiências e conceitos estéticos que deformaram a minha espontaneidade, nunca pude ler ao piano essa infeliz rapsódia, sem sentir um danado de mal-estar. Seja-me permitida a covardia de confessar: no fundo a coisa dói. O raciocínio não pode considerar a desastrada polifonia como um desafôro; mas nasce in-

voluntária na gente, a sensação do desafôro!... Êste exemplo prova admiràvelmente, me parece, o extremo poder sugestivo do som, que a-pesar-de sua ininteligibilidade essencial, se torna símbolo e evocação das mais altas idéias e dos mais delicados sentimentos.

Ritmo e som unidos são a própria música. Tentei desuní-los para lhes determinar os valores específicos, fisiológicos do ritmo e psicológicos do som. Mas na verdade o meu seccionamento foi impossível, porque falando do ritmo notei que o melhor da sua fôrça é justamente conservado pelas qualidades do som, ao passo que os poderes dêste não podem ser guardados em tôda a sua eficácia, se não em música, isto é, dotados de ritmo. Observação idêntica aliás já foi feita por Karl Buecher, no seu livro clássico sôbre "Arbeit und Rhythmus". Estudando a natureza rítmica do trabalho e a tendência universal para revestir de sons o ritmo facilitador dos gestos musculares, Karl Buecher chega à conclusão importantíssima de que, muito embora condicionada imediatamente ao ritmo específico do trabalho a realizar, a melodia rítmica (Ton Rhythmus), o ritmo sonorizado tem uma significação tôda especial para a intensificação do trabalho. O canto-de-trabalho não apenas sustenta a igualdade, a regularidade dos gestos, mas **pelos elementos sonoros (musicais) que lhe são próprios,** exerce uma função de incitador, ao mesmo tempo que submete o trabalho ao controle de quantos escutam o som. Além

disso, conclue o economista de Leipzig, pode-se finalmente afirmar que o ritmo musicalizado torna o trabalho mais leve e mais ativo.

Ainda duas observações, que provam de maneira decisiva a fôrça biológica absolutamente excepcional da música entre as artes. Ela é um veneno, um estupefaciente legítimo, e, por outro lado, como um verdadeiro remédio, provoca idiosincrasias.

São conhecidos os casos de verdadeira repulsa à música. Se uns, como Napoleão consideram a música ainda como o mais agradável dos ruídos, outros a repudiam, a detestam instintivamente como Teófilo Gautier e a imperatriz Catarina. Isso é tanto mais concludente que ninguém, que eu saiba, se revolta assim biològicamente contra nenhuma das outras artes. Ninguém jamais teve horror à poesia ou à pintura. E' que a intensidade do efeito produzido por estas artes em nosso ser, é tão menor que não chega a produzir em nós reações idiosincrásicas perceptíveis pela conciência. Pelo contrário, a música provoca idiosincrasias que levam ao furor e à repulsa completa. O dr. Corralè, aliás, estendeu o fenômeno aos irracionais, reconhecendo que a muitos felinos a música irrita, e êles demonstram incômodo e mesmo sensações de dôr. "Entre os felinos, principalmente o gato, é muito freqüente, sacudirem bruscamente a cabeça ao escutar música muito forte, como se quisessem com êsse gesto tirar algum corpo estranho que lhes tivesse penetrado na ore-

lha. Chegam mesmo a fugir quando, após várias sacudidelas dessas, não conseguem se livrar do que, com tôda a aparência, os está incomodando."

Enfim a música tem sido a causa de verdadeiras epidemias coreiformes, exercendo assim o efeito dum enxame vibrante de micróbios que proliferassem de repente numa determinada região. Além dos casos históricos da Idade Média, mesmo no Brasil tivemos a abasia coreiforme de 1882, entre os negros de São Salvador, cuja manifestação epidêmica durou três anos, e sob forma endêmica permaneceu por mais de dez. Nina Rodrigues que a estudou, reconheceu que em máxima parte a epidemia fôra causada pelas dansas de feitiçaria.

Ora, não seria razoável, digo mais, instintivo que êsse fortíssimo poder biológico da música provocasse a idéia de utilizá-la na medicina? Foi o que sucedeu.

Tôda a medicina universal, desde a feitiçaria dos medicine-men primitivos, passando pela medicina popular, pelo empirismo, pela medicina teúrgica das civilizações mais antigas; passando por Platão que já reconhecia na música além do poder de acalmar as perturbações da alma, a fôrça de lutar contra as imperfeições do corpo; São Patrício dizia o mesmo, e Cervantes no **Dom Quixote** quase o mesmo ao afirmar que **la musica, compone los ánimos descompuestos y alivia los trabajos que nacen del espiritu** ... Tôda a medicina, passando

ainda pelo próprio Galeno que dominou a medicina medieval; todo o esoterismo que determinou com audácia verdadeiramente pelotiqueira os efeitos terapêuticos da música, e ainda por Porta que há quatro séculos apenas, ainda podia curar com música tôdas as doenças... Tôda a medicina, até alcançar a idade contemporânea, com um Pinel, um Charcot, um professor Ball, um dr. Rodriguez Méndez, que sistematizaram o emprêgo terapêutico da música nos hospitais de alienados; o dr. Guibaud que demonstrou experimentalmente a influência do som e de certas melodias sôbre a circulação; ou Tarchanoff que com as experiências feitas no ergógrafo de Mosso, demonstrou a ação da música na curva de fadiga dos músculos da mão, experiências retomadas e confirmadas por Feré... Está se vendo: Tôda a História da Medicina conta as tentativas de empregar a música como elemento terapêutico, para curar tanto moléstias nervosas como quaisquer outras.

São inúmeros os fatos históricos de cura ou melhora de enfermidades, provocadas pela música. Ninguém se esquece do caso bíblico de Davi, apaziguando com o canto admirável as excitações de Saul. E' histórico que o músico grego Timóteo conseguia transformar os estados psicológicos de Alexandre Magno, e tanto levá-lo às raivas furibundas como ao pranto sossegador. Empédocles de Agrigento, Teofrasto, Marcílio-Ficino também acalmavam homens furiosos com a música. E ainda o profeta Eliseu bem como o imperador

Caio, usavam a música para acalmar suas excitações nervosas.

O dr. Marin Corralé recorda também dois casos recentes portentosos, de acalmação de fúrias coletivas por meio de música. No naufrágio do **Titanic**, o serviço de salvamento dos passageiros endoidecidos de pavor, foi relativamente fácil, graças ao capitão ter ordenado à orquestra de bordo executar dansas alegres na coberta do navio. E conta-se que no incêndio dum colégio inglês, um dos professores conseguiu dominar o terror pânico dos alunos em fuga, obrigando-os a cantar um hino, a cujo ritmo saíram, ordenados, em formatura, salvando-se todos.

Aliás, não quis propositalmente estudar os efeitos da música sôbre os irracionais, mas êste poder que ela tem de acalmar os irracionalizados pela superexcitação, justifica decisòriamente o fenômeno do abôio nordestino que muitos põem em dúvida. E' contado que os vaqueiros do norte do Brasil usam sistemàticamente dum canto melancólico, às mais das vezes prodigiosamente agudo, entoado em falsete, cheio de vocalizações, com que ordenam a marcha das boiadas e mantêm os bois em calma. Os cantos de pastoreio são de uso universal, usados desde os povos mais selvagens até o ranz das civilizadíssimas vacas suíças. Conta-se mesmo, como anedota histórica, dum touro furioso escapado pelas ruas de Berlim, que um regente de banda conseguiu dominar com a música dos seus homens.

Parece também convicção firme da terapêutica grega que a música acalmava os furores eróticos das espôsas que tinham seus Marbrús na guerra. Ário e Terpandro também curavam invertidos por meio da música, o que casos históricos parecem desmentir. O aedo Demódoco conseguiu sustentar a pureza da mulher de Agamenão, até que Egisto o matasse, para alcançar o fruto proïbido. E não foi senão pela proteção terapêutica dum rapsodo, que Ulisses em viagem conseguiu não perder a sua integridade conjugal. Ulisses, de resto, usava sistemàticamente a meloterapia na cura de suas doenças. Ainda está em Homero que as feridas causadas no fundador de Lisbôa pelos dentes dum javalí, foram curadas com músicas mágicas. Tamísides também aconselhava a música contra a peste e as feridas. Aliás Célio Aureliano, já um médico, um grande metodizador posterior a Galeno, com observação curiosa, ao sustentar o emprêgo da meloterapia na cura das feridas, conta ter visto um músico executando melodias na escala frígia, "encantar" a parte dorida do enfêrmo, **imprimindo a essa parte uma vibração nova.** As berevas causadas pelo veneno da aranha sempre foram curadas pela música. Na Antiguidade a música era tida mesmo como o único remédio contra essas mordeduras venenosas. Um sábio português Madeira ainda garantia o mesmo, em plena idade moderna, bem como outro infólio lusitano intitulado "Inaudita Philosophia de Viribus Musicae".

Ateneu de Ataléia, o fundador da Escola Neu-

mática, parece ter sido o primeiro, no primeiro século da era cristã, a empregar a música na suavização da dôr ciática e da gota. A meloterapia usava de preferência nesses casos os sons mais agudos dos instrumentos de sôpro. Ainda Pedro Mexia e Imelísio aconselharam a meloterapia contra a ciática e a gota. E' extraordinário que no experimentalismo contemporâneo, se veja o dr. Gessner coincidir com a terapêutica de Ateneu e de Auro-Gélio, ao depor que um italiano só obtinha um bocado de sossêgo às dôres violentas da ciática, escutando músicas em movimento rápido. A-pesar-dos 19 séculos de separação, a coincidência destas afirmações é notável, pois devo observar tècnicamente que tanto os sons agudíssimos se prestam mais para músicas rápidas, como a rapidez de tempo em música é sempre mais fácil de ser aplicada usando os naipes agudos. A Casa da Baviera parece especialmente afeta aos efeitos terapêuticos e venenosos da música. Ninguém poderá limitar exatamente até que ponto a... perigosa música de Wagner levou Luis de Baviera às suas paixões, aos seus desmandos governamentais e à loucura final. Mas já, antes dêsse exemplo impossível de definir, o duque Alberto Ernesto se curava da gota pela audição de certas músicas. Poder-se-ia ajuntar a estes casos, o daquele artrítico italiano que só agüentava suas dôres horríveis entoando melopéias lamentosas, de grato ouvir.

Os casos dêste gênero se amontoam tão nu-

merosos, que não quero citar todos os que posso compilar dos livros. E' Crísipo curando com música a epilepsia; é Demócrates se utilizando da flauta para curar pestes; é a dansa de São Guido — o "tarantismo", origem da movimentadíssima tarantela napolitana — curada ao som de músicas rápidas e joviais; é, no século XIV, a grave doença da irmã do conde D'Artois curada pela harpa dum jogral; é o caso famosíssimo e sempre repetido de Filipe V, de Espanha, curado de mania depressiva pelo canto do célebre sopranista Farinelli, depois que todos os meios terapêuticos do tempo nada tinham conseguido; é o violinista Raff curando com sua música a psicose da princesa Belmonte de Pignatelli, e ainda o caso de epilepsia de que, já no fim do século passado, o dr. Chomet garantiu a cura, depois que a uma aproximação de crise que uma ária ouvida afastou, usaram sistemàticamente a música sempre que as crises se anunciavam, e estas nunca mais se repetiram. Em 1875, êste caso vinha, com ciência já moderna, confirmar fato idêntico relatado no século XVIII por Quarin. E' o caso do príncipe de Orange nos princípios do século XVIII; é o caso do monge de Chateaudun dado por morto, num ataque cataléptico ou coisa parecida, e cuja respiração ressurgiu à música de pancadaria duma banda na própria cela. De resto, os efeitos da música sôbre os órgãos respiratórios parecem experimentalmente constatados, a crer-se Montanelli, Binet e Courtier. E uma anedota de Beethoven

e uma experiência do dr. Alibert, confirmam o alívio produzido pela música nas afecções pulmonares. O dr. Lohfeldt, além de 650 casos de asma tratados com exercícios vocais em sons agudos, estendeu o mesmo tratamento, com sucesso, a casos de papeira e certas formas de tuberculose pulmonar. São os casos em que a música agiria como febrífugo verificados pelo dr. Chaumet e pelo dr. Descuret; é o caso duma cefalalgia violenta, curada a golpes de tambor, citado por Descormiers.

Para terminar esta enumeração fastienta, lembro o caso extraordinário do compositor Weckerlin, observado e relatado por Charles Malherbe com tôda a sua responsabilidade. Já com mais de 80 anos, Weckerlin tem uma queda que o deixa em estado gravíssimo. As funções orgânicas foram pouco a pouco se enfraquecendo, e quando a bexiga deixou de trabalhar, os médicos afirmaram o desenlace fatal. Acresce ainda que o próprio enfêrmo não se enganava, e dispôs-se a preparar tudo para a morte. Charles Malherbe, seu discípulo, anotava as últimas disposições do moribundo, que se preocupava naturalmente com a publicação póstuma de suas obras inéditas. Com o fim de lhes dar um último apuro ou decidir quais as merecedoras de publicação, o doente dispôs-se a ouví-las. Um piano colocado no quarto quase mortuário serviu a Malherbe, que imediatamente notou que o doente se reanimava ao escutar suas próprias composições. Com o fim de minorar os sofrimentos do amigo, Malherbe diária-

mente lhe ministrava uma hora dessa terapêutica ocasional. Aos poucos, à surpresa confessada do médico, o organismo retomou sua marcha regular, a perna anquilosada sarou, o doente ergueu-se e foi retemperar-se definitivamente em sua terra natal. E basta de tantos casos.

Mas de tantos casos e tantos conselhos de médicos, que vão desde o curandeirismo assombrado dos pagés até a medicina mais contemporâneamente científica, poderemos inferir alguma coisa de positivo?

Antes de mais nada uma verificação se impõe: certamente a grande maioria dos casos citados, antes de definir as possibilidades terapêuticas, cientificamente terapêuticas da música, baseiam-se num grande engano de observação: assim como na medicina popular imagina-se que o fumo, a reza e as cantorias curam veneno de cobra, apenas porque a cobra mordedora ou não era venenosa ou esgotara o veneno pouco antes, também atribuem à música uma virtude excessiva que, ou não deriva dela, ou não deriva dela só. Carlos Malherbe, ao contar o seu caso com Weckerlin, não descura honestamente de notar uma quantidade de interêsses e circunstâncias outras que, ajuntadas ao amor natural dum autor pelas suas próprias obras, teriam levado o musicólogo a se reanimar. Na verdade em muitos dos fatos históricos citados, a música deve apenas ter colaborado na cura, pelos seus dons estéticos de arte, como diversão do espírito, digamos diversão ex-

cepcionalmente dinamogênica — o que, creio, nenhum médico se disporá a negar. Assim compreendida como encantadora do espírito e aviventadora da ação fisiológica do movimento, de-fato a música pode ser uma terapêutica auxiliar, e então coincidimos com o latinório do médico judeu e português Rodrigues Castro, que julgava "prudente e honesto o emprêgo da música em qualquer doença".

Computados os casos porém e... a audácia dos autores, talvez não fôsse desacertado estudar-se com mais especialização o emprêgo da meloterapia em certas e determinadas moléstias. E' incontestável que o poder do ritmo, principalmente se ajudado pelos sons, modifica, transtorna e transforma profundamente um determinado estado cenestésico. Qualquer um de nós poderá fazer a experiência demonstradora disso, quando, ao escutar uma marcha em binário, fortemente ritmado, quiser concientemente andar imaginando uma acentuação ternária ou em movimento mais lento ou mais rápido que o da marcha escutada. E' quase impossível. O passo torna-se irregular, incerto, incapaz de qualquer naturalidade. Nos tempos de Gil Vicente, está na "Farsa dos Físicos", quem se dispunha a médico

"Há de saber proporções
No pulso se he ternário
Se altera se he binário" (1).

(1) No dizer de Plínio, foi Herófilo quem primeiro descobriu ou pelo menos sistematizou a correspondência entre a pulsação e os

Essa observação, as experiências de Dogel quanto à influência do som sôbre a circulação, vieram confirmar em nossos dias. Nada pois mais natural a um pulso alterado no binário mais rápido, buscar-se a meloterapia de dansas ternárias, valsas e minuetes graciosos que acalmem o organismo em sua carreira voluptuária para a morte. Assim, tôdas as molestias que causem febre podem ter na música um auxiliar febrífugo excelente.

A ciência contemporânea, coincidindo com a antiga, parece muito determinada a aceitar a meloterapia como auxiliar fecunda contra as perturbações psíquicas. E' perfeitamente aceitável essa terapêutica, sendo a música tanto pelos seus efeitos dinamogênicos, como pelo desvio que o som sem pensamento traz ao exagêro dos cérebros exasperadamente visionários, ou intoxicados de uso sem descanso, um verdadeiro repouso espiritual.

Coincidindo com Paulo Cornélio Celso, um dos médicos mais importantes do tempo de Augusto, a medicina moderna já emprega com certa sistematização a meloterapia na cura de moléstias nervosas ou mentais. São numerosos os manicômios em que não só se faz música, como nos

---

metros musicais. Ainda quanto a ritmo, Platão nas "Leis" conta uma terapêutica muito razoável. Os coribantes de Cibele conseguiam curar os frenéticos. Estes em seus pinchos e gesticulação exagitada eram submetidos ao movimento regular de músicas e dansas que, vencendo o desregramento rítmico dos enfermos, os convertia à tranqüilidade...

casos de Pinel e Charcot em La Salpêtrière, como se permite aos loucos fazerem sua música lá dêles, constituídos em pequenas orquestrinhas de pancadaria. Creio ter sido Hervé, o operetista da "Mam'zelle Nitouche", quando organista em Bicêtre, que pela primeira vez reüniu uma orquestra de loucos. As experiências depois se multiplicaram. No asilo municipal para moços idiotas, de Londres, a constituïção duma banda entre os reclusos foi o passo mais decisório para a melhoria das condições mentais dos infelizes. O dr. Ball, na Alemanha, também fêz comunicações no mesmo sentido, com exemplos musicais executados por um trio de violino, flauta e piano, constituído de doentes mentais. Ainda em Barcelona o dr. Rodriguez Méndez, diretor do manicômio de San Baudílio, constituiu uma orquestrinha e um coral de alienados. O médico paulista, dr. Nery Siqueira da Silva, me relatou o caso portentoso dum acesso de loucura furiosa dum internado do Juquerí, que a concessão dum violino acalmou. O doente entregou-se ao instrumento favorito, foi sossegando aos poucos, até perder todos os sintomas de excitação. Entre os trabalhos de assistência social que o Departamento de Cultura vem realizando em São Paulo, uma primeira experiência de música aos alienados do Juquerí deu excelentes resultados, a julgar pela opinião mais autorizada dos próprios médicos assistentes. O que os levou a prosseguir na iniciativa benéfica. Os autores, e principalmente os experimentadores

são unânimes em afirmar que a música acalmaria, suavizaria realmente os alienados, epilépticos, psicastênicos, neurastênicos, maníacos de vária espécie e vário grau, cumprindo finalmente o brocardo de que "adoça os costumes" — coisa falsa na vida comum, pois da experiência clínica que tenho dos musicistas meus manos, nunca vi gente mais brigona e mais perfeitamente alienada por egoísmos e rivalidades. Pior que músico, nem pintor, Santa Maria!

E' possível imaginar todavia que, mesmo nesses casos de doentes mentais, a ação terapêutica da música não seja apenas psicológica, regulando imaginações exaltadas ou deprimidas. E' da maior probabilidade que, mesmo nesses casos, a música atue fisiològicamente sôbre o organismo, como um calmante poderoso. De-fato, outro efeito numerosamente afirmado da música, é constituir ela uma espécie de analgésico, adormentador de fortes dôres físicas. Já citei atrás casos e autores em bom número, garantindo o alívio das dôres da ciática e da gota, ao som de músicas. Não são os únicos. O dr. Francaviglia, na Itália, utilizava-se da música como cloretilo, desculpem, nas pequenas operações. Um dentista francês, o dr. Laborde, numa comunicação muito citada, feita à Academia de Medicina de Paris, conta experiências bem sucedidas e provàvelmente aplaudidas pela polícia de costumes, substituindo a cocaína por um fonógrafo bom. Na verdade o anéstesico usado pelo dr. Laborde era o protóxido de azoto.

Notando grande agitação nos pacientes submetidos à ação do anestésico, aos ruídos ásperos da rua, Laborde pretendeu com seu fonógrafo substituir o ruído ruim pelo som agradável. Os resultados foram decisivos e as agitações desapareceram. Outro que insiste sôbre a atuação analgésica da música é o dr. La Tôrre, ao garantir não serem raros os dentistas que usam a mesma terapêutica do dr. Laborde. Lembrando os tiradentes de feira que usam sistemàticamente a música para encorajar os que precisam do boticão (1), cita mais casos parisienses de dentistas ao som do piano, e um de Nova York, bem luxuoso, que empregava um côro feminino acompanhado de harpas.

Essa fôrça anestésica da música, parece não oferecer mais dúvida a ninguém e levou a usá-la sistemàticamente nos hospitais, para evitar os estupefacientes insinuantes. E' possível que a idéia primeira do emprêgo da música nos hospitais, tenha sido um impulso de caridade: proporcionar um bocado de prazer aos sofredores. Mas os resultados obtidos foram tão concludentes que se principiou vendo na música um verdadeiro agente terapêutico. Històricamente foi Napoleão, no ano VI da República, quem primeiro mandou as bandas militares fazerem música junto aos hospitalizados. O fêz em campanha no Egito e pelos

(1) Em certas tribus africanas, êste hábito popular encontra seu símile com os dentistas negros que só trabalham ajudados por violenta música de percussão, pelo que conta um número de "L'Action Dentaire", citado pelo dr. Jules Regnault.

resultados obtidos, continuou-se o costume na França. Até hoje inda perdura, pois em muitas guarnições de província, a banda militar toca semanalmente serestas festivas, sob as janelas dos hospitais. No hospital de Eppendorf, em Hamburgo, chegou-se mesmo a construir uma sala especial de concertos, e, não é raro, nos países da Europa central e na Inglaterra, o emprêgo de música nos hospitais. Adianta um autor que o piano com destino meloterápico, é de uso constante nas residências dos médicos internos de hospitais alemães, e talvez os concertos vocais do consultório dum ilustre otorrinolaringologista paulistano não sejam de todo alheios à mesma finalidade... Finalmente devo não esquecer a conhecida sociedade filantrópica inglesa, de Santa Cecília, constituída com o único destino de formar grupos volantes de musicistas, para execução de concertos nos hospitais. A filantropia inglesa teve eco em Shelemburgo, com a criação duma sociedade idêntica, constituída de enfermeiras musicais que fazem música para doentes recém-operados, pleno reinado do sedol.

Outro lado por onde a terapêutica parece dever se preocupar com as possibilidades da música, é o das excoriações, berevas e feridas de vária espécie. Não apenas os casos históricos ou semihistóricos são numerosos, como a observação curiosa de Célio Aureliano que citei, da música infundir à parte molesta uma "vibração nova", pode perfeitamente aceitar-se, dadas as fôrças dinamo-

gênicas do ritmo musical. O dr. Vergnes no seu admirável estudo, tem uma idéia que não me parece digna de total desprêzo. Citando as páginas de Porta na sua "Magia Naturalista" que aconselhava o emprêgo da música na terapêutica, contanto que os instrumentos fôssem feitos de plantas medicinais específicas de cada caso clínico, nota o escritor: "Realmente não parece impossível que o som produzido por um instrumento feito, por exemplo, de guaiaco ou de quina, possa originar vibrações sudoríficas ou febrífugas. Se, como sabemos, o medicamento age sobretudo dinâmicamente, por suas vibrações intrínsecas e pelas que provoca no organismo, porque o som não serviria de veículo a um medicamento, tanto como o ar e a água?" Mas me perdí um bocado. Há uma fôrça constritora da música, hoje provada experimentalmente desde Guibaud, sobretudo quanto aos vasos sanguíneos, que fêz o dr. Regnault aceitar e explicar cientificamente a cura de Ulisses que lembrei atrás.

Mais por descargo de conciência, lembro as afirmativas de La Tôrre, de que a música exerceria uma influência muito determinada sôbre os fenômenos de gestação e seus convizinhos. Citando as palavras suspicazes dum médico norte-americano sôbre a atuação da música nas manifestações da puberdade feminina, La Tôrre garante-se de sua especialidade de muitos anos de clínica obstétrica e ginecológica, para afirmar que os ditos fenômenos se manifestam mais cedo nas ga-

rotas dadas à musica. Noutro passo do seu fatigante livro, o mesmo autor cita as experiências de Raciboski e de Saula, quanto ao efeito emulativo da música sôbre as funções geradoras dos animais, principalmente dos elefantes. Já vimos atrás que a Antiguidade clássica parece contradizer tais experiências, quando garante ser a música um corretivo aos desperdícios amorosos das espôsas afastadas dos maridos, mas o dr. Vergnes ainda lembra a opinião de ginecologistas ingleses sôbre o emprêgo da música, como auxiliar poderoso ao trabalho das parturientes.

Enfim a música parece mesmo de grande eficácia como auxiliar das funções digestivas. O dr. Regnault, afirma que o poder constritivo da música não se circunscreve aos vasos sanguíneos, em vez, se estende pelos domínios do pneumogástrico, diversas vísceras e particularmente o estômago. Alberto Abram realizou experiências com que, pela simples mudança de entoação da fala, conseguiu manifestações diversas de submatite estomacal. As experiências com o gastrógrafo também provaram a contração do estômago causada pela música. Pierre Janet cita o caso dum dos seus doentes, a quem bastava escutar música, principalmente de caráter militar, para que pudesse digerir sem fobias. Os casos e conselhos se amontoam. Milton, Borhoeve, o dr. Veron, diretor da Ópera de París, é histórico terem usado essa terapêutica digestiva. Temos ainda o caso histórico de Voltaire, um barão Rodino que

não sei quem é, e ainda um militar observado por La Tôrre, todos três incapazes de digestão perfeita sem música. E' verdade que o dr. Royo Villanova se insurge contra essa meloterapia aos dispépticos. Afirma êle que as contrações do estômago diminuem de uns 37 % sob o influência de música barulhenta. Mas parece que o médico espanhol estava mais preocupado com processos de engorda que pròpriamente com a cura dos dispépticos. A sabedoria popular confirma bem numerosamente, em provérbios, o poder da música nas funções da alimentação. E' o "muito ruído e poucas nozes" ibérico, demonstrando que a música disfarça a fome. Outro dito espanhol que já na primeira metade do século XVII Luiz de Benavente dizia ser antigo, no seu entremez do "Boticário", confirma o anterior, à maneira de La Palisse, dizendo que "al balar la oveja es cierto que dejaba de comer"... Plínio concorda com a tradição espanhola quando acredita que a lebre engorda mais quando é surda... Em italiano se diz "avere una fame de suonatore", e ainda "sono magro perché nom mangio a suon d'organo", ao passo que na África, outro brocardo insiste em que as ovelhas com cincerro comem melhor. De resto, faz parte da sabedoria universal, comer-se ao som de música... (1)

(1) Há que lembrar também uma fórmula frígia de iniciação no culto dionisíaco, que entoava assim: "Me serví do tamboril para comer, do címbalo para beber". Muito embora se trate duma frase

Mas poderão me redarguir que se muito vou me preocupando de terapêutica, quase nada adiantei sôbre a farmacopéia musical. Que música deverá se empregar? Essa é com efeito a parte do problema que tem sido mais descurada, embora certos autores, cheguem a sistematizações que a mim me parecem de puro charlatanismo. Está nesse caso, a meu ver, no século XVIII, o dr. Gordon y Arosta que se preocupou da farmacopéia dos instrumentos. Pelas conclusões dêle o violino e o violoncelo, conviriam aos hipocondríacos e aos melancólicos; o contrabaixo garantidamente atuaria contra as atonias nervosas; a harpa seria aconselhável nos casos de histerismo; a flauta contra a tuberculose em primeiro grau; o óboe é tônico geral; o trombone contra a surdez; o órgão contra os irascíveis; o piano contra certas formas de histeria; o tambor contra as moléstias nervosas, principalmente acompanhadas de perturbações locomotrizes; a trompa contra as manias de perseguição, etc. O interessante é que o dr. Varbur, de Nova Orleans, não sei se conhecendo os estudos do outro, chega a conclusões muito aproximadas. A aceitar-se o especialista ianque, o violoncelo cura hipocondria, o violino esgotamentos nervosos, a viola monomanias religiosas, a harpa o histerismo, a trompa manias de

---

simbólica, significando, parece, o delírio extasiado do bacante integrado em Dionísio, isto é, nas fôrças rejuvenescidas da natureza, por meio do canto e da dansa: por ser mesmo um símbolo, a fórmula tem a mesma significação dos provérbios.

perseguição, o trombone a surdez, o piano afecções visuais, a corneta a obesidade, a-pesar-de serem numerosos os cornetistas gorduchos. Mais desagradàvelmente ainda, êsse especialista não sei do quê, garante á cura musical da calvície! e se me confesso leigo em medicina, eis que vem um médico me insultar de leigo em música, com esta minha calvície indesculpável. O dr. H. Dower, da Califórnia, afirmou que o lá e o sí bemol do violino são benéficos para inutilizar certas manifestações reflexas da tuberculose. Adianta a rerevista italiana "Musica D'Oggi", que vários médicos se reüniram para estudar a farmacopéia musical. Conseguiu-se de tanto esfôrço e boa vontade, um receituário em que Schubert vem insultantemente preconizado contra a insônia e Beethoven contra o histerismo. A "Canção da Primavera" de Mendelssohn e não sei qual das "Dansas Húngaras" de Brahms são prescritas contra a neurastenia. Certas obras, infelizmente não diz quais a revista, de Beethoven e de Bach foram fixadas contra o reumatismo, e aconselhados contra a dispepsia Brahms, Sarazate e o "Convite à Valsa" de Weber.

O esoterismo, era de se esperar, dá-se admiràvelmente com a música, e não hesitou também em lhe particularizar audaciosamente a farmacopéia. Amy-Sage tem uma observação que cientificamente não parecerá de todo impertinente, quando diz que devemos reconhecer a existência duma "fôrça sônica", tão real como o calor, a luz e a

eletricidade. "E' bastante cômico aliás, diz Amy-Sage, que a quase totalidade dos físicos negue existência ao som como fôrça, quando são êles, a lhe descrever as atividades nos tratados de acústica". E acaba, afirmando com certa observação que "as dissonâncias são apaixonantes e teatrais (seria preferível dizer "dramáticas") ao passo que as consonâncias predispõem àquela paz psíquica propícia ao recolhimento". Ernest Britt, no livro "A Lira de Apolo", de 1931, em que pretendeu estabelecer as relações entre a música e a astrologia, concorda mais ou menos com Amy-Sage, ao afirmar que as consonâncias e dissonâncias são perfeitamente equiparáveis aos elementos benéficos e maléficos dos planetas. Para êle as consonâncias perfeitas correspondem aos aspectos benéficos, as dissonâncias de segunda e de sétima aos aspectos maléficos, e os intervalos de quarta e de quinta aumentadas ou de quinta e de sétima diminutas aos aspectos indecisos da posição dos astros. Afirma também que, embora nenhum documento histórico nos prove que os Antigos tivessem aplicado essas correspondências nos cantos mágicos da terapêutica sagrada, há tôda probabilidade de terem empregado pelo menos as correspondências mais elementares, diatônicas e astrais, para agir sôbre os centros nervosos dos enfermos, pois todo ser humano tem um número determinado de vibrações que constitue sua tonalidade e caracteriza sua personalidade. E tem então uma imagem que me parece das mais

admiráveis que já se inventou, quando seguindo na trilha de Bacon que já comparava o homem a um instrumento musical perfeitíssimo, afirma que o ser humano é um acorde sim, mas um acorde de sétima de dominante, que busca a sua resolução num acorde perfeito. Si non é vero... fique pelo menos a metáfora admirável, pela qual estas mesmas pesquisas incertas, em que o homem busca na música o remédio para suas dôres físicas e morais, provam ao menos que somos verdadeiramente uma sétima de dominante, esta dissonância, esta insatisfação, êste anseio insofrido, sempre em busca dum acorde perfeito, duma resolução final que aplaque duma vez as tristuras do mundo.

Já Gastão de Mengel, no seu livrinho sôbre o "Esoterismo da Música", determina com um simbolismo fácil, os valores éticos dos sons da escala, quando afirma o poder decisivo da tônica, a fôrça de autoridade, de mando, de apêlo audaz da dominante, a serenidade contemplativa da mediante, o poder impulsivo, a instância, o desejo ardente da sensível. Para os outros graus, as determinações do autor são menos aceitáveis e menos prováveis. Quanto aos ritmos, diz, bastante obscuramente como fica bem a um mago, mas sempre com fineza de observação, que o binário se ajunta aos gêneros de efeitos psíquicos como "variedade volitiva", e o ternário como "variedade mental". Os ritmos irregulares bem como os movimentos

rápidos seriam "variedade sensitiva", etc. Mas devemos voltar a alguma coisa de mais prático.

Beauquier afirma que os sons violentos embebedam como o alcool, os agudos provocam a cólera e os graves acalmam e dão sono. O dr. Rodriguez Méndez, também com a mesma discreta vagueza, apenas aconselha músicas alegres de dansa na cura dos alienados. Na Espanha aliás, a farmacopéia musical foi minuciosamente estudada por vários médicos como Vidal Careta, o dr. Brioude em Sevilha e o dr. Júlio Laguna Azorín em Bilbau. O dr. Tioli, na Itália, desaconselhava como emprêgo terapêutico a música exclusivamente melódica, sem polifonia nem harmonia porque, diz êle bem obscuro, "despertaria a necessidade de dar aos sons um valor tonal e portanto, levando a comoções demasiado intensas, provocaria sofrimentos por excesso de ternura e o pranto por gôso excessivo" (?).

Enfim, dado o consentimento universal de que não há doenças, há doentes: pode-se mais ou menos aceitar esta hesitação da meloterapia, em fixar com franqueza os elementos da sua farmacopéia. A observação irônica do assunto e me parece que mais justa é porém que, no caso, seria talvez mais certo dizer que não há nem doenças nem doentes, há médicos. Com efeito um italiano, por exemplo, diz abusivamente que a música de Wagner é imprestável para a meloterapia, devendo usar-se apenas a música tipo italiano de Rossini a Boito, ou dos influenciados pela arte

italiana... Já o dr. Corralè, espanhol, prefere francamente os músicos alemães, peças de Mendelssohn, Haydn, Bach, Beethoven, recusando as obras que chama de pletóricas, como as sinfonias de Tschaikowsky, o "Parsifal", Strawinski, sem esquecer patriòticamente entre as músicas de bom efeito terapêutico, peças de Manuel de Falla e de Jerônimo Giménez.

Aliás, as considerações que faz sôbre dosificação meloterápica são realmente bastante razoáveis. A terapêutica musical é o contrário da terapêutica de origem física. Se nesta aos doentes insensíveis aumenta-se a dose, na musical aos insensíveis deve diminuir-se a dose, músicas mais fáceis, sem grande complexidade, de mais modestas exigências estéticas. A música é equiparável aos medicamentos que se utilizam, como agentes terapêuticos, dos elementos vibratórios, luz, calor, raios X, e portanto, como se dá com estes e principalmente com a eletricidade, a dosificação tem de a princípio tactear terreno, e deverá ser estabelecida para cada caso em particular. Exatamente a mesma é a opinião dos drs. Dupré e Nathan, no seu admirável estudo sôbre "A Linguagem Musical". Quanto a êles, que aliás só encararam a meloterapia na cura dos nevrosados em geral, as indicações meloterápicas bem como sua dosificação "escapam a qualquer formulário e não podem ser feitas senão pelo estudo individual de cada caso". Como a música não tem atuação apenas musical mas provoca associações de vária es-

pécie, de imagens, de idéias, de sentimentos e recordações que tanto podem ter ação benéfica como maléfica, o médico deverá tomar cuidado para não fazer erros psicoterapêuticos, levado por qualquer sistematização pseudo-racional da meloterapia. E concluem afirmando que em regra geral, pode-se recomendar a audição de trechos musicais cujos caracteres de forma alguma firam e choquem a sensibilidade do enfêrmo, nem tão pouco afinem demasiado com a natureza de seu caso psicopático. Darei apenas mais a opinião de Ferrand nos seus "Ensaios Fisiológicos sôbre a Música", hoje uma obra clássica do assunto. A música pode ter uma ação antiespasmódica tanto comum, como estimulante ou calmante. A natureza da música a recomendar-se, deve ser especialmente escolhida pelo médico, porque em mais dum ponto, a música é assimilável a certas substâncias que, em dose baixa são agentes higiênicos, em maior dose remédios ativos, e em maior quantidade tóxicos violentos. "Não posso, afirma Ferrand, propor fórmulas determinadas e garantir se Mozart convém mais aos neurastênicos e Wagner aos deprimidos (...), mas apenas afirmar que por muitos títulos a música é uma arte interessante para o médico, e da qual se poderá talvez um dia determinar com mais certeza os serviços e os inconvenientes que pode causar ao organismo."

Infelizmente os votos de Ferrand, feitos em 1895, não se realizaram até agora. Antes, alguns

psicanalistas contemporâneos, como Pierre Bugard faz pouco, investem desdenhosos com a meloterapia, por causa dos seus exageros. Aliás Pierre Bugard nega com audácia os efeitos fisiológicos da música, estabelecidos experimentalmente ao pneumógrafo, ao cardiógrafo e demais aparelhos de medição dinâmica, por Patrizi, Feré, Tarchanof e tantos outros, afirmando categòricamente que "a pretensa atuação fisiológica da música não passa na verdade duma ação psicológica inconciente". E eis-nos de novo engolidos pelo Inconciente, essa espécie de tonel das Danaides, salvador de tôdas as vielas da psicologia contemporânea...

E por nosso lado, a que conclusões poderíamos chegar? Realmente a muito pequenas conclusões; e se o dr. Allendy pôde afirmar no seu recente estudo de síntese que, excetuada a cirurgia, a medicina ainda estava numa grande incapacidade de certeza, da terapêutica musical, a-pesar-de tôdas as experiências e da objetividade de certas conclusões científicas, pode-se dizer que ainda está no domínio do empirismo. Afirma-se muito, porém qualquer sistematização sossobra, e as provas são colhidas no anedotário individualista. E quando chega o momento de dar à música ou às músicas o seu exato destino terapêutico, os autores mais audazes caem na inverosimilhança, e os mais sérios divagam, fazem indicações sem meta fixa nem medida, incapazes de converter a música a um remédio nomeável, a um gelol,

a um urodonal, a um klankal, a um anafil, a qualquer dêsses nomes encantados, verdadeiros dós-de-peito que musicalizam màgicamente as fôlhas dos jornais e a universal mania de sofrer. Nada existe de definitivamente experimental que admita uma farmacopéia sonora, de que se tire aplicações específicas que nem com o quinino, o cálcio ou qualquer outro elemento químico. Fala-se é certo, numerosamente, com insistência regular, no valor terapêutico da música, mas ainda não se conseguiu convertê-la a medicamento.

E será possível essa conversão? De todo o vasto anedotário ajuntado e que antes parece desnortear a meloterapia, pois que a aplica tanto aos calvos esperançados como aos sofridos de amor, tanto aos tuberculosos como aos psicastênicos, o que a gente verifica de absolutamente certo, é que a música tem uma influência biológica, especialmente psicológica, fortíssima. Porém neste sentido, muito mais que as anedotas individualistas, a prova decisória está na utilização litúrgica da música em tôdas as situações sociais de todos os povos e de tôdas as civilizações, dos mais primários aos mais elevados. No culto do Vodú antilhano como no templo católico, no candomblé como entre os esotéricos, nas cerimônias cinegéticas guaranís como na caça à raposa dum baronete inglês, nas festas reais de qualquer tribu como no Sete de Setembro, encontraremos sempre a música. E se nos parece a nós que a trompa da caça à raposa, o côro do Mês de Maria e a

fanfarra do Sete de Setembro são elementos ornamentais festivos, isso é apenas a burla enluvada com que a civilização e a cultura se disfarçam de ter as mesmas bases, as mesmas exigências e as mesmas manifestações essenciais de qualquer botucuda primitividade. Realmente essa música está exercendo sôbre nós um efeito mais enérgico e mais imediatamente necessário que o do enfeite da arte. Não está na sua possível boniteza, o seu destino intrínseco nesses casos. Ela ora é um narcótico passivador, destruïdor das nossas liberdades individuais de julgamento; ora um alcalóide propiciador das mais desrelacionadas visões; ora um alcool inebriante, exagerando nossas faculdades de entusiasmo, de energia, de coragem. E sempre, entre tôdas as artes e todos os elementos da vida, ela é a maior unanimizadora, a coletivizadora máxima, a mais possante fôrça de conversão dos homens indivíduos, ao indivíduo grande, dum gesto só, a comunidade. Não é difícil de aceitar, pois universalmente reconhecido, que uma música suave, sereniza o ser; outra monótona e delicada, nos convida ao sono; uma violenta, nos excita, e outra marcial, ou coreográfica, nos organiza a dinâmica do gesto e o facilita. Não é difícil mesmo de reconhecer com Karl Buecher, que essa fôrça psicofísica não deriva exclusivamente do ritmo destacável, mas dos elementos pròpriamente musicais, do ritmo musicalizado enfim.

A meloterapia, a meu ver, residirá na utiliza-

ção dêsses poderes fàcilmente reconhecíveis, não exclusiva, mas especialmente aplicados à coletividade. Uma organização social que empregasse a terapêutica musical à coletividade, não é uma utopia, porque isso já existe, só faltando sistematização. Proïbir-se-ia os rádios e demais elementos de pandifusão da música, de executar peças apaixonadas, violentas, marciais, depois das vinte horas... Todos os processos difusores do som seriam obrigados nessa hora, a executar só peças graves doces e serenas, para auxiliarem as crianças, os enfermos, os operários e as mães a dormir. Quando muito a um rádio apenas por noite, seria permitido a execução de cançonetas, "jazz", sambas e tango, para os que se curam na dansa, no jôgo e no alcool, da irremediável superioridade humana. De-manhã, alvoradas claras de claros acordes simples, em alegros moderados concitariam o ser à ginástica, ao banho e ao trabalho contente. Ritmos bem ordenados de dansas e rondós populares, seriam ouvidos nas usinas, nas fábricas, nos cais de mercadorias, facilitando os trabalhos. Nas temporadas de fabricação intensiva, estas mesmas músicas ou quaisquer outras fàcilmente reconhecíveis de todos, seriam executadas mais rápido que no andamento ordinário — o que contribuïria não sòmente para dinamizar com mais rapidez os gestos, como, pela mutação sensível do andamento, a tornar conciente no operário a precisão de trabalhar mais rápido. No jantar, no almôço, viriam músicas bem digestivas, como

essas fáceis, gostosas e mesmo banais, cantorias de opera francesa e italiana, que só agradam por fora, ativam a disposição dos que não têm preconceitos, e permitem conversar. Um Bach, um Vila-Lôbos, um Mussorgski ouvidos à mesa seria terrível. Não são autores digestivos, e junto dêles é pecado conversar. Digestivos e conversáveis são uma deliciosa abertura de Rossini, um **La Donna é mobile,** um **Sento una forza indomita,** uma meditação de "Thaís", que enfeitam tão bem uma sala de jantar, como um "jazz" decora um "grill-room" de estação de águas...

E estou pressentindo a objeção de todos: — Mas nesse caso não haverá mais lugar para concertos!... Haverá sempre concertos e horas serão também determinadas para que todos escutem um Mozart, um Scarlatti, um Wagner, um Henrique Oswald. Mas isso é o domínio da estética e não desta notícia, em que tive a audácia imperdoável de namorar com a Medicina..

Bibliografia consultada

1 — E. Dupré e M. Nathan — "Le Langage Musical" — París, 1911.

2 — Victor Marin Corralé — "La musica como Agente Terapêutico" — Saragoça, 1935.

3 — Karl Buecher — "Arbeit und Rhythmus" — Leipzig, 1902.

4 — Paul Diepgen — "Historia de La Medicina" — Barcelona, 1932.

5 — Felice la Tôrre — "La Musica al Tribunale d'Igea" — Turin, 1910.

6 — Pierre Bugard — "Musique et Pensée Symbolique" — Bordéus, 1933.

7 — Ernest E. Britt — "La Lyre d'Apollon" — París, 1931.

8 — José Ingegnieros — "Le Langage Musical et ses Troubles hystériques" — París, 1907.

9 — Nina Rodrigues — "L'Animisme Fétichiste des Nègres de Bahia" — São Salvador, 1900.

10 — J. Combarieu — "Les Rapports de la Musique et de la Poésie" — París, 1894.

11 — N. Baudoin — "Psychanalyse de l'Art" — París, 1929.

12 — L. Dauriac — "Essai sur l'Esprit Musical" — París, 1904.

13 — E. B. Tylor — "La Civilisation Primitive" — París, 1920.

14 — L. Lévy-Bruhl — "Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures" — París, 1928.

15 — Julian Ribera — "La Musica de las Cantigas" — Madrid, 1922.

16 — A. Soubies — "Histoire de la Musique" (Portugal) — París, 1898.

17 — Joaquim de Vasconcelos — "Os Músicos Portugueses" — Pôrto, 1870.

18 — A. Friendenthal — "Musik, Tanz und Dichtung bei den Kreolen Amerikas" — Berlim, 1913.

19 — C. Stumpf — "Die Anfaenge der Musik" — Leipzig, 1911.

20 — L. Landry — "La Sensibilité Musicale" — París, 1927.

21 — Bourguès et Dénéréaz — "La Musique et la Vie Intérieure" — París, 1921.

22 — F. Braum — "Die Wissenschaftlichen Grundlagen der Vogelhaltung" — Berlim, 1924.

23 — K. Sachs — "La Musica en la Antiguedad" — Barcelona (Labor).

24 — P. Bekker — "Von den Naturreichen des Klanges" — Berlim, 1925.

25 — P. Servien — "Les Rythmes" — París, 1930.

26 — G. de Mengel — "L'Ésotérisme de la Musique" — París, 1929.

27 — C. Descormiers — "La Musicothérapie" — em **Le Menestrel,** ano 96, n.º 20.

28 — L. Gratia — "Musique et Psycothérapie" — em **Le Menestrel,** ano 94, n.º 42 e ss.

29 — Dr. Vergnes — "La Musique et la Médecine" — em **Le voile D'Isis,** ano 33, n.º 322.

30 — Arth. — "Terapia Musicale" — em **Musica D'Oggi,** ano IX, maio, 1927.

31 — E. Lazennec — "Musicoterapia" — em **La France Nouvelle,** trasc. no "Estado de São Paulo", 23 — V — 1934.

32 — X. X. — "Como os Sapos gostam de Música" — em **Diário da Manhã** (Recife), 13 — X — 1935.

33 — Max Merz — "Koerperbildung und Rythmus" — em **Anbruch,** 1926, março-abril, pág. 119.

34 — Don Giov. Pagella — "Essenza del Ritmo, come si attua nela Musica" — em **Rivista Musicale Italiana,** 1924, abril, pág. 534.

35 — Dom B. de Malherbe, O. S. B. — "Aux sources premières du Rhythmus et de la Musique" — em **Revue Musicale,** 1933, janeiro.

36 — Rudlof Felber — "Music and Superstition" — em **Musical Quartely,** 1931, abril, pág. 234.

37 — Ch. Odier — "Origines de la Musique" — em **Monde Musical,** 1924, julho e ss.

38 — Ferrari — "Ricerche sperimentali sulla natura dell'emmozione musicale" — em **Rivista Musicale Italiana,** 1897, fevereiro, pág. 328.

39 — Eurípedes-meunier — "Les Bacchantes" — Payot — París, 1923.

40 — Plínio Moço — Littré — "Histoire Naturelle" — París, 1877.

41 — Cotarelo y Mori — "Colección de Entremesses" — Bailly-Baillière, Madrid, 1911.

42 — "Les exercices vocaux dans la Thérapeutique" — em **Le Mois,** n.º 65, p. 274.

43 — Dr. Jules Regnault — "Biodynamique et Radiations", Marselha, 1936.

II

A MEDICINA DOS EXCRETOS

A MEDICINA DOS EXCRETOS

I

Um dos assuntos certamente mais dolorosos de patologia social é o que estuda as mil e uma superstições que o homem liga aos excretos. De maneira variadíssima êle faz os excretos intervirem na sua vida quotidiana, denunciando, se me permitirem o neologismo, uma escatofilia espantosa, que chega às mais repulsivas absurdidades. Entre estas, uma das mais importantes, senão a maior de tôdas, consiste na aplicação terapêutica dos excretos.

Antes de mais nada: O povo não entende como "excretos" tudo o que a terminologia científica reúne sob êsse nome. A própria palavra "excremento", usada pelos alfabetizados, sofre entre o emprêgo popular e o científico, uma certa diferenciação. O povo, mesmo o povo semiculto das cidades, não concebe a urina como um excremento. Quando emprega esta palavra, êle a distingue imediatamente da urina, como se verá das várias citações que farei. Aliás esta distinção

pode ser encontrada mesmo na terminologia erudita, como nesta passagem da **Ancora Medicinal,** citada pelo dr. Plácido Barbosa no seu **Dicionário de Terminologia Médica Portuguesa,** na voz "excreta": "Por excretos e retentos se devem entender os **excrementos do ventre, a urina,** a transpiração insensível e o sangue mênstruo". Nesta delimitação popular, excrementos "do ventre", é que me utilizarei também da palavra.

Quero observar desde logo que se o povo emprega quase sistemàticamente a medicina dos excretos, por dois lados há que justificá-lo de semelhante superstição: não apenas, como superstição, os excretos conseguiram o beneplácito da medicina erudita, como realmente êles possuem alguns empregos utilitários muito justificáveis.

A utilidade prática dos excretos é indiscutível em certas aplicações. Está neste caso em primeiro lugar, a estrumação das terras depauperadas pela produção. Essa é uma utilização legítima, de uso muito universal e experiência secular. Muito fazendeiro chega mesmo a afirmar e provar nas suas terras, que os excretos são muito mais regeneradores que os adubos artificiais da indústria química. Surgem mesmo certas especializações, cujo valor não sei limitar por mim. Em São Paulo, o estrume de vaca é o preferido na adubação dos cafezais. Já ouví mesmo um fazendeiro censurado por outro, que considerava "fraco" o estrume ovino usado por aquele em sua fazenda.

Severino de Sá Brito (1, 38) (A) conta que no Rio Grande do Sul a urina cavalar é específico para campos ruins.

Êsse poder reconfortante, revivificador dos excretos, há-de ter certamente um efeito associativo muito grande na imaginação popular. O povo é o "primitivo" despaïsado; e a terminologia, mesmo dos sêres cultos da cidade, prova largamente o quanto persiste no ser social mais civilizado, o "animismo" que a escola de Tylor soube tão bem denunciar na mentalidade dos primitivos. Qualquer um de nós diz que o Sol nasce no oriente ou que esta terra não dá mais nem mandioca. A Terra, o Sol, a Lua, são sêres animados, nascem, amam, brigam, morrem, que nem nós mesmos. Dessa concepção animista do mundo, se originam os inumeráveis mitos, é Perséfona, é Dionísio, é Jací, que explicam a morte da Terra no inverno e sua ressurreição na primavera, a morte do Sol, a existência da Lua, a sucessão do dia e da noite. Os ritos mágicos de renascimento da Terra na primavera, depois da sua depauperada frutificação ou mesmo morte sob a gelidez do inverno, permanecem vivos até hoje dentro da própria civilização cristã. Ora as terras gastas (doentes, mortas...) revivem com a estrumação. Surge daí uma imagem fàcilmente associável a outras: se

(A) O primeiro número indica a obra referendada na bibliografia do fim dêste ensaio, o segundo a página. Algarismos romanos que se intercalem por acaso, indicarão volume.

os excretos são dadores de vida a terras doentes, serão naturalmente dadores de vida a homens doentes também. A associação de imagens seria perfeitamente natural num caso dêstes.

Outro costume ainda, de que o povo poderia tirar imagens associadas, é o da refinação de açúcar com bosta de vaca. Com o excremento, o açúcar **se purifica** e aperfeiçoa. O **açúcar se limpa.** O excremento adquire assim um conceito de elemento lustral, purificador. Ora nós veremos mais adiante que uma das práticas mais generalizadas da medicina excretícia, é justamente a terapêutica das moléstias da pele, ou atuando sôbre a pele. Sem dúvida, não vou até afirmar que destas associações de imagens, o povo tire a inspiração primeira que o levou ao emprêgo medicinal dos excretos. Mas estes exemplos de sua vida quotidiana, esta manifestação objetiva do poder vivificador e purificador dos excretos, devem ter agido, a meu ver, na imaginação popular influenciável, como provas decisivas do valor terapêutico dos excretos, e contribuído para conservação contemporânea da medicina excretícia. (B)

(B) A respeito das associações de imagens que poderiam levar o povo à fixação do valor vitalizador dos excretos, ainda seria possível acrescentar mais associações. Assim a que se daria com outras expulsões do organismo, tais como a do sêmen vital no homem e do leite materno na mulher. São também estas excreções do organismo, eminentemente assimiláveis para o observador não erudito, à expulsão dos excretos. E de fato teorias sôbre o instinto sexual, muito espalhadas e que encontram apôio largo na terminologia popular e na gíria, assimilam a expulsão do sêmen a uma evacuação de excretos, ou então assimilam o aleitamento ao ato se-

Porém os excretos ainda têm mais aplicações utilitárias. Afonso Schmidt nas suas **Poesias** (3, 144), se refere ao costume dos ciganos fazerem fogueira com bosta de vaca. Êste uso, que não fica sòmente entre ciganos (Comp. 4, 35), deriva da fumaça e do cheiro, que afugentam os insetos, quando não de simples deficiência de outro combustível. Mas se esta é a explicação intelectual, proveniente da nossa observação prática, devo notar sempre que é possível ainda ligar êste costume a ritos supersticiosos tradicionais, de obtenção de augúrios. Excreto adivinhador se encontra tanto entre os índios norte-americanos e Indianos (5, II, 153 e 207), como entre negros da África (6, 73) e precolombianos do Perú (7, 122).

O grande Alexandre Rodrigues Ferreira (8, VI, 61) na sua **Memória sôbre as Cuias**, justifica o emprêgo que as nossas índias faziam da urina choca, no envernizamento das cuias com cumatê.

---

xual (Conf. 2, 1.º cap.). O leite e o sêmen são eminentemente fecundadores, produtores de vida, de crescimento, de fôrça. E são excreções assimiláveis às dos excretos tanto na imagem dos eruditos como na terminologia popular, como prova a documentação dêsse livro. Ora se as causas são assimiladas entre si, nada mais natural e espontâneo que assimilar também os efeitos dêles; e se o sêmen e o leite são vitalizadores, os excretos o serão também. Não conheço nenhuma declaração formal popular de que esta assimilação exista, mas a medicina excretícia popular está aí. E como lhe admitir a permanência entre o povo de nações civilizadas, que já não é mais um primitivo completo, mas "despaïsado", já utilizador do raciocínio lógico, já aplicador da relação de causa a efeito, senão ajuntando causas que lhe permitissem justificar dentro de sua lógica popular, o que já a religião nem o rito nem a mentalidade mística são mais suficientes para sustentar?

"Serve o vapor alcalino da urina de fixar mais o fundo preto, e lustrar o verniz do Cumatí". Também, conforme Debay, era da urina humana que os magos e taumaturgos de vária espécie, na Antiguidade, tiravam o fósforo que lhes servia nas encantações e mistificações pirotécnicas. E ainda nos tempos da Alquimia, Brandt reinventava a maneira de tirar fósforo da urina humana. Recentemente a sra. Marchand-Alphant e Luiz Gerner estudaram a ação da urina das mulheres grávidas sôbre a espermatogênese do coelho, em experiências, parece que satisfatórias, para diagnóstico do feto. Ainda mais recentemente os drs. J. Rostand e G. Pancheminey, dado que a urina é um reservatório de hormônios, comunicaram à Sociedade Médico-Cirúrgica dos Hospitais Livres, a utilização que experimentaram da urina infantil (um a três anos) como princípio antissenil. Na maioria dos casos obteve-se melhora transitória do estado geral. Transitória... O dr. Fischer, de Dresde, desenvolveu o tratamento contra os vômitos das mulheres grávidas com injeções retais de vinte centímetros cúbicos de urina. Ainda o dr. Dicker, da Universidade de Bruxelas, descobriu faculdades especiais na urina dos indivíduos sofrendo de hipertensão essencial. E finalmente ainda lembro que o dr. Vieillard, citado pelo Prof. Malhado Filho (11, 49), constata que mesmo na farmacopéia científica, a urina tem certas justificativas por causa das "virtudes do sal amoníaco, produzido pela decomposição da uréia." O que

o próprio Prof. Malhado Filho confirmava, concluindo que a farmacopéia urinária "se estribava na observação". Às vezes.

Já por estas últimas opiniões e experiências citadas, se percebe que, não apenas os excretos podem ter uma ou outra aplicação útil, mas que a própria medicina científica justifica em alguns casos a excretoterapia. Ou pelo menos a explica... Porém o que nos importa aquí, para justificar as práticas excretícias populares e mostrar que elas encontravam não a repulsa, mas o beneplácito dos eruditos, é provar que a medicina erudita jamais ficou apenas nessa precária e legítima verificação das virtudes do sal amoníaco.

Talvez o que há de mais importante como farmacopéia escatológica, seja o livro de Paullini, publicado em Franforte (a. M.) em 1696. Eis, por curiosidade, o título pomposo da obra: "Farmacopéia da Imundície, novamente melhorada e curadeira, em que, principalmente com urina e excremento, interna e externamente usados, se cura com felicidade, da cabeça aos pés, quase tôdas as doenças e feitiçarias, mesmo as mais difíceis e venenosas". Se trata duma obra perfeitamente sistemática sôbre a aplicação terapêutica dos excretos para tôdas as doenças em uso naquele tempo. Codifica em grande parte as receitas populares tradicionais; emprega excretos humanos, de aves e animais domésticos e selvagens, pombos, cegonhas, porcos, vacas, leões, lôbos, etc. Todos os processos terapêuticos aparecem, a in-

gestão, o clister, misturas, pílulas, pós, emplastros, ungüentos, infusões, decocções, destilações, extratos, cinzas, o diabo!

Na chamada "magia baixa", são comuns receitas utilizando excretos, encontráveis em livros como os de Alberto Magno, de Paracelso, de Porta e outros mais. Eis algumas, colhidas na **Encyclopédie des Sciences Occultes**: Contra a dôr ciática aplica-se bosta de vaca, depois de envolvida em fôlhas de repôlho ou de parra, e posta no borralho. Ainda, quando fresca, e frita com flores de camomila e trevo, a bosta de vaca é ótima cataplasma no caso de tumores testiculares. Gallien empregava os excrementos de cabra, dissolvidos em oxicrato com farinha de cevada, como emplastro, na cura de tumores e calosidades nos joelhos.

O Prof. Malhado Filho dá notícia duma **Essência de Urina**, aprovadíssima no século XVIII, que teve a glória de ser usada por Mme. de Sévigné. Esta **Essência de Urina** era dessa espécie milagrenta de remédios curatudo, servia para tôdas as doenças e tôdas as ilusões (C). Não dou a receita porque os leitores a encontrarão fàcilmente no autor citado. Prefiro dar a curiosíssi-

(C) O **Parnassus Medicinalis** (12, III, 1481) no século XVII, chegava ao ponto de afirmar que "se tendo urina de gente em casa, pode-se passar muito bem sem o resto dos remédios da botica". Aliás me contou o escritor Samuel Campêlo que, no interior de Pernambuco, viveu ou vive um indivíduo Severino de Sá, vulgarmente conhecido por dr. Biu de Sá, que para tôdas as moléstias receitava excrementos. Em roda de rapazes o nomeavam por "dr. da merda"...

ma receita de outro remédio idêntico, curador também tanto de colite como de insônia estival, que se usava em Cuba na última década do século XVIII. A receita vinha recomendada pela responsabilidade de Rafael Antônio Tatis, administrador do Real Hospital de San Lázaro, onde fôra empregada e provara as suas divinas virtudes. Do hospital, o emprêgo do remédio se generalizara por tôda a cidade de Cartagena das Índias. Aplicava-se para todo acidente, curava lepra, tuberculose (não em caso desesperador, está ressalvado na bula...), asma, hidropisia, febres quartãs "y otras calenturas", fluxos de sangue, inchações, erisipela, ciática, "evacuaciones de mucho tiempo, alferecia, temblor en los pulsos, aire perlatico", etc. "Solo falta la experiencia con el pasmo". Repito-a lá na sua linguagem:

"Se toma de la muñiga de rés, sea baca, novillo, ó buey (si puede ser que paste en el campo es mejor) para una botija de agua dulce, cinco onzas: para dos diez, y para tres quince, segun la porcion que quiera hacerse: ha de estar seca al Sol, y se echa en una olla pequeña que haga dos botellas de agua para templar la cantidad de una botija, y se va aumentando en olla mas grande á proporcion de la cantidad que se quiera templar, y poniéndola al fuego se dexa hervir hasta que esté bien tinta, y después se vá haciendo poco á poco, de suerte que caiga poco polvo en la cantidad mayor de agua pura, y lo mas seguro es echarla colada por un paño, y quedará toda de un

color de vino claro; advirtiendo, que aunque se haga mucha porcion nunca se corromperá, solo se tomará un poco de abombado al seguiente dia, que batiéndola al poco rato está quitado, y siempre está buena ó mejor pasados muchos dias de hecha, y tampoco es preciso esto, pues acabada de hacerse puede tomarse dexándola enfriar". (13, III, 247).

O ilustre administrador do Hospital ainda continua contando os diversos inconvenientes do remédio violentíssimo, mas advertindo sempre que se não der resultado nos quinze, vinte e mesmo mais primeiros dias, não faz mal. Continuem tomando, que um dia a mèzinha há-de fazer efeito!... E acaba por fim elucidando que o remédio se chama **Água de mil Flores**, "alusivo á las que comen las reces en las yervas con que se mantienen". Há de resto uma repercussão desta Água de Mil Flores, no Brasil. E' o "chá de tôdas as ervas", feito com bosta de vaca que andou sôlta o dia inteiro, e comeu supostamente de tôdas as ervas. O dr. Fernando Carneiro é que ouviu falar nisso, no sul de Minas, e me contou em carta gratíssima.

Não conheço no Brasil exemplo de receita excretícia que tenha o beneplácito da erudição, mas certamente elas foram usadas aquí, vindas por via de Portugal. Ainda no início do século XVIII, colho em Vieira Fazenda, o médico de D. João V, dr. Francisco da Fonseca Henriques Transmontano, aconselhava nos seus livros de medicina o

emprêgo da urina do "enfêrmo" na cura do mau-olhado, bem como a urina quente de homem ou de burro (a aproximação não é minha...), e o "jasmim de cachorro", na cura de outras doenças mais verdadeiramente fisiológicas.

E ainda poderia lembrar mais outras receitas eruditas, se não científicas, em que os excretos freqüentaram e dominaram as mais poderosas doenças dos reis e suas amantes... O que aí fica é suficiente para desculpar o povo. E' certo que muitas destas receitas, consagradas pela erudição, foram inicialmente receitas populares, desta ou daquela forma... melhoradas, como diz Paullini. Mas por outro lado, é já agora muito difícil decidir se são realmente vindas do povo e consagradas em seguida pela erudição, ou se da farmacopéia erudita é que passaram para uso das classes inferiores e se popularizaram, como sucedeu com a **Água de Mil Flores.** Provàvelmente se deram estes dois fenômenos contrários. O que importa aquí é verificar que por vários lados a crendice tinha onde se estribar. Observava duma parte o exemplo vivo da natureza e da indústria, em que os excretos podem ter aplicações práticas incontestàvelmente úteis. E ao mesmo tempo lhe vinha das camadas cultas da sociedade, o exemplo duma farmacopéia da imundície, abundantíssima (desculpem...) e sistematizada.

O emprêgo dos excretos na medicina popular brasileira está muito generalizado. Compilarei agora alguns exemplos, comparando-os principal-

mente com os poucos remédios excretícios portugueses que conheço. Certamente muitas das nossas práticas vieram de Portugal. Algumas são històricamente coloniais, dos tempos em que, mesmo folclòricamente, se pode dizer que o Brasileiro não passava dum Português emprestado.

Em Portugal o uso da urina na medicação interna é genérico. Se diz em Santo Tirso, por exemplo, que urina de menino cura "doenças" (15, XVII, 33), e Hermann Urtel, nas suas admiráveis **Beitraege zur Portugiesischen Volkskunde** confirma a ingestão de urinas de quaisquer proveniências, como de uso generalizado na medicina popular portuguesa.

No relato da sua excursão à Ega brasileira, Bates conta excessivamente discreto e insatisfatório, que o tenente Nunes queria um dos jacarés mortos, para lhe abrir a barriga e tirar dela uma coisa muito apreciada dos Brasileiros como remédio. E mais não diz. Fica-se na dúvida, sem saber claro se foi Bates que omitiu o nome da doença, ou se o remédio era de aplicação genérica, "curava doenças", que nem urina de menino português.

Aludindo ao costume de refinarem o açúcar com bosta de vaca, lembrei que muito provàvelmente êsse poder purificador do excremento teria contribuido, por associação de imagens, para a persistência de uso dos excretos, na cura das moléstias que de alguma forma se manifestam na pele. Com efeito são bem numerosos os exem-

plos que posso produzir, provando que os excretos são sistemàticamente empregados em variadíssimos casos de alteração epidérmica.

Já nos tempos coloniais se usava pôr estêrco de jumento nos cortes que sangravam muito (18, 476). No Chile era o de galinha. Por Tietê e Laranjal (São Paulo), para tirar estrepe do pé não há como bosta de porco aplicada no lugar por um dia inteiro, me informou um amigo dessa região (D). No Nordeste, conta o dr. Floro Bartolomeu, o indivíduo que leva um guampaço ou se estrepa nalgum tôco, e outros ferimentos assim, entope logo a ferida com bosta de boi. Não dura muito e está bom. Gustavo Barroso por sua vez, refere prática idêntica, mas usada com animais. Esfarinham o estrume para com êle estancar sangue de rês, nas ferras e cortes. Em São Paulo também, segundo informação que me deu Edmundo Krug, observador excelente, se cura talho arruïnado com cataplasmas feitas com estrume fresco de vaca e azeite de cozinha. O nosso remédio deve ser africano. André Gide conta a aplicação da bosta de vaca nas feridas, em seu **Retour du Tchad** (dia 5 de março). Pelo que sei, os Portugueses preferem a urina. O autor da **Medicina Popular Minhota** avança o conceito popular de que a urina é cicatrizante. Mesmo os de Santo Tir-

(D) O mesmo funcionário do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, me contou que em São Manuel, neste Estado, usavam pisar em bosta de porco para tirar bicho-de-pé. Diz-que êle sai correndo.

so acrescentam que a urina para aplicar nas feridas não deve ser a primeira que sai. O remédio entre nós repercute em Alagoas, onde se aplica na ferida urina de três dias, de criança de sexo oposto ao do doente. Ainda a ferida oriunda de dentada de gente se cura entre nós com titica de galinha (23, 30), sendo que além da cura, o remédio mágico derruba os dentes de quem mordeu. Já em Portugal porém, o depósito da urina é aconselhado para cauterizar os dentes, tradição francesa também, pois em Deux-Sèvres se emprega urina de boi vermelho nos casos de dôr-de-dente (24, III, 131). Osvaldo Orico reporta a urina do próprio indivíduo, em bochechos, para curar a dôr-de-dente na Amazônia.

Mas não são apenas as mordeduras humanas que a gente cura depreciativamente com os excretos, também as dos animais. E' interessante neste caso, aproximar da magia-baixa européia um costume dos Brasís. Na Europa era a bosta de vaca aquecida que curava as mordidas de abelhas, vespas e moscardos. No Brasil... hão de permitir que me resguarde no aliás fácil latim de Martius, de contar, em língua excessivamente clara, o estranhíssimo costume indígena: "Indi denique secundum flumen Yapurá habitantes contra dolores formicarum, scolopendrarum aut scorpionum morsu concitatos, siquidem ictus manus cecideram, illarum in vaginam muliebrem immissionem optimum remedium mihi praedicaverunt". Aliás êste latim me lembra voltar imediatamente à Fran-

ça, onde empalar uma toupeira com o dedo indicador, confere a êste o poder de curar dôr-de-dente. Nova quadrilha de ir-e-vir, pois que voltando para o Nordeste, sei que os feiticeiros de catimbó ensinam curar unheiro e panarício, botando o dedo doente no ânus dum galo (27, 118). Com a variante alagoana que prefere o ânus da galinha choca. Mais admirável porém é ter se conservado para unheiros em Alagoas o mesmíssimo costume encontrado por Martius entre os índios do Japurá. Conforme o mesmo dr. Lajes Filho, usam em Alagoas colocar por cinco minutos um algodão no sexo duma mulher e enrolá-lo no dedo em seguida. Mas não quero abandonar as mordeduras sem referir que contra as de cobra, em Alagoas, usam beber fézes dissolvidas, ao mesmo tempo aplicando na ferida um ovo de galinha, quentíssimo, cortado ao comprido. Entre as numerosas receitas recenseadas por Plínio contra as mordeduras de cobra ou de escorpião, estava a bebida da sujeira de galinha; a da ovelha dissolvida no vinho ou da própria urina (28, XXIX, 15, 18 e 29). Em Brodowski (São Paulo) também se usa mijo de gente com fumo, para mordida de marimbondo.

Ainda nos casos de queimaduras de água fervendo se usa em Campinas a aplicação de bosta de vaca (29, dia 29-XII-1929), o que coincide com práticas usadas no Morvan, segundo informa Sebillot no **Folk-Lore de France.** Na magia-baixa se empregava, no mesmo caso, titica de galinha

diluída em óleo rosado, em que de-fato o óleo acalmava a dôr...

No Minho, a urina cura as frieiras. Na região paulista de Igaratá falam na doença "mijacão", que desconfio ser a mesma frieira. Por informe dum caipira preto analfabeto, o burro e o cavalo são animais amaldiçoados. Quando Menino Deus nasceu, veio o boi e ficou bafejando Êle para esquentar, na manjedoura pobre. Mas veio o burro e devorou todo o capim da mangedoura. Então Nossa Senhora amaldiçoou o burro e mais o cavalo seu parente. Por isso é que o mijo dêles faz mal para nós, quem pisar nêle tem mijacão no pé. Carece tirar uma pedra do mais fundo do rio e pôr no fogo. Quando estiver "vermelha" de quente, qualquer pessoa mija sôbre ela, e o que sofre põe o pé em cima, sem tocar, para receber o vapor. Precisa ser uma pedra "porque o cavalo e o burro são amaldiçoados" (?). Dum passo de Jorge de Lima, em **Calunga**, se antevê as frieiras provirem de excretos, em Alagoas também: "O povo acreditava que tal vegetação nascia espontâneamente do mijo e da bosta dos animais (se refere a carneiros) e transmitiam frieiras quando alguém pisava descalço nelas".

Novamente a bosta de vaca, por informação de Edmundo Krug, é ótimo sabão contra espinhas em São Paulo, com o que concorda um informador da Paraguassú paulista. Mas o excremento, no caso, é de uso menos especificado, não apenas de vaca. Aquí mesmo no Estado (freguesia de

Escada) bom para "furar inchaço" é bosta preta de galinha de qualquer côr. Na zona da Mata, em Pernambuco, é o cocô ralo de pinta que ainda não bota, o remédio contra espinhas, me informa uma colaboradora de lá. Luiz da Câmara Cascudo estende o remédio até o Rio Grande do Norte, falando menos restritamente em sujeira de galinha. Já em Alagoas, contra "espinhas brabas" prefere-se as fézes humanas, ainda quentes, aplicadas no lugar. Na magia-baixa ainda temos também as aplicações de excremento de ovelha diluído em vinagre para o mesmo caso (31, 416; donde tiro também as outras receitas de magia-baixa expostas aqui), e na Finisterra a impingem é curada, não com o excremento mas com a urina de ovelha inda virgem. A erisipela tem receita vária para cada região. Em Pernambuco o específico é urina podre de gente, me contou Samuel Campêlo, ao passo que mais pormenorizadamente em Alagoas, "se fôr de sexo masculino o doente, o pai urinará na região, se do sexo feminino, a mãe". Já em São Paulo, pelo menos em Piracicaba, donde colho a informação, o remédio é um emplastro de bosta fresca de vaca, cozida com leite e azeite. Em Alagoas de novo, é a sarna que se cura com fricções de estêrco de gado.

Outras moléstias que têm especial repercussão na pele também recorrem à medicina excretícia. Sílvio Romero, nos **Estudos sôbre a Poesia Popular** e o dr. Lajes Filho, referem o "jasmim do campo", que é o eufemismo popular designan-

do o excremento do cachorro, dissolvido n'água, como específico na cura da varíola; ao que tanto Afrânio Peixoto nas **Missangas**, como Leonardo Mota nos **Violeiros do Norte** confirmam, contando que o dito jasmim é receitado em casos de sarampo ou bexiga (E). Parece receita das mais espalhadas. Em Igaratá (São Paulo) colheu o meu amigo José Bento Faria Ferraz dum caipira, para sarampo, o mesmo jasmim bem "arvinho" (alvo), dissolvido n'água, como em Alagoas. Aliás o caipira acrescentou que sujeira de pinto já grandinho também é bom, como entre os Mossi. No Mboy (São Paulo) preferem dissolver o jasmim na pinga. Afirmava o caipira Antônio Rodrigues que com isso a criança até pode sair na chuva. O piraquara do vale do Paraíba prefere no entanto pulverizar o jasmim do campo (35, ano I, n.° 3, p. 59), e na freguesia de Escada ainda especificam que o jasmim é bom para evitar que o sarampo saia na garganta! Fora do Brasil ainda veremos outra vez a magia-baixa, pela autoridade importante de Alberto Magno, garantir a cura da icterícia desde que o paciente tenha a paciência de engolir em jejum por oito dias, cinco... pílulas de cabra com vinho branco; ao passo que em Moselos, no concelho da Feira português, talha-se esta

---

(E) A respeito do jasmim de cachorro e suas numerosas virtudes terapêuticas entre a gente do Brasil, leia-se o bem documentado livro de Fernando São Paulo, sôbre a **Linguagem Médica Popular no Brasil** (34, I, 87; II, 23 e 218).

doença com a urina do próprio doente. A receita portuga, que aliás é também alemã como ingrediente, é que sobrevive no Brasil. Em Alagoas a "interiça" é curada com "urinar num chumaço de algodão e colocá-lo no fumeiro", ou bebendo-se de-manhãzinha, em jejum, urina de vaca preta. Aquí em Piracicaba bebe-se mijo de criança nova, de sexo oposto ao do doente, o que um Português me afirmou ser também receita ultramarina. Aliás, em Piracicaba usam também deitar três piolhos na comida do paciente, sem que êle saiba. Para opilação, anemia ("amarelidão") em Alagoas usa-se leite de vaca misturado com urina do mesmo animal, pela manhã, em jejum. Em Tabaquã (São Paulo) a urina da vaca é empregada contra a malária, informa o dr. Azevedo Rangel (36), ao passo que em Itú, contra a mesma doença um preto velho informou o emprêgo do jasmim de cachordo. Na região do São Francisco, a urina continua usada na cura dos maleiteiros, variando pouco as receitas que sei. "E' sezão. Logo qui chegá em Boa Vista, é só tomá uma purga de fumo, urina e cachaça, e ela vai-se embora", diz um dos sertanejos de Martins de Oliveira no **País das Carnaúbas** (37, 23), o que é confirmado no romance de Lúcio Cardoso, **Maleita**, que ora refere uma purga de urina e fumo, ora uma purga de urina e fedegoso, como se o ingrediente mesmo decisivo fôsse a urina... E para terminar com êste capítulo, o Prof. Malhado Filho reporta uma receita erudita européia utilizando a urina, "grandemente elo-

giada para branquear a tez" (que é exatamente o caso da refinação do açúcar...). Bargheer (12, III, 1481 e s.) observa que desde a Antiguidade (Egípcios, Latinos) até a medicina popular dos nossos dias, a urina é preferentemente usada nas moléstias de olhos, ouvidos e embelezamento da pele. Já o dr. Cabanès não esquece de anotar que, no quarto século cristão, as fézes passadas no rosto eram a receita excelente para conservação da pele feminina, e Plínio reporta o emprêgo da bosta de boi para tornar a pessoa corada. As fézes, talvez se tenham conservado preferentemente no Brasil, pelo menos em São Paulo. Em Brodowski, clareia-se a pele com bosta de boi morto, tirada no momento em que morreu. Em Piracicaba, como em geral as mães novas, com o parto, ficam cheias de "panos", remédio certo é pegar na fraldinha em que pela primeira vez a criança evacuou, e pô-la no rosto. Um curioso costume foi me contado pelo compositor Frutuoso Viana, que na sua meninice em Itajubá (Minas), viu aplicarem bosta de vaca no sovaco das negras, para livrá-las do excessivo bodum. E convém ainda ajuntar aquí as moléstias do couro cabeludo. Galeno já conhecia o emprêgo da urina contra calvície, mas a desaconselhava. E' provável que o remédio seja também desaconselhado em Portugal, na região de Viana do Castelo, pois é crença no Outeiro cair o cabelo em que derramaram urina. Não a urina, mas o excremento de rato misturado com cinzas de abelhas torradas é o que faz crescer cabelo

em nossa terra (29, dia 19-1-1930). Prática esta, não sei se mais nojenta, mas certamente mais modesta que aquele **óleo Humano** europeu contra calvície, também usado em nosso Brasil colonial, feito com banha dos indivíduos mortos violentamente, no geral os supliciados (F).

As machucaduras internas também recorreram ao receituário excretício. Me contou o sr. Pio Lourenço Corrêa, meu amigo e fazendeiro de grande experiência humana, que em Araraquara, é uso no povo o sujeito que sofre machucadura interna, beber a própria urina para sarar. Na Escada (vale do Paraíba) o caipira recomenda também a urina para o mesmo caso, mas de criança do sexo oposto ao do doente, porque "percisa se casá"... Em França empregam no mesmo caso o excremento de gato, diluído em água no Bessin, e em vinho branco noutros lugares da mesma Normandia.

Não ficam atrás as dôres-de-barriga e doenças de estômago. Carlos da Rocha Amorim, de Paraguassú, conta que viu um caipira curar uma criança sofrendo dôr-de-barriga, com a "urina dum menino moreno de dez anos". A receita implicava meio copo dessa urina de menino obrigatória-

---

(F) O dr. Cabanès, que aliás compila numerosas receitas estercorárias, pode ser lido a respeito dos remédios tirados do cadáver, principalmente se de morte violenta. A não ser que se prefira ler o delicioso capítulo de Plínio sôbre o mesmo assunto (28, XXVIII, item 2). No Chile se usou bem crânio humano em pó e em sal volátil, que era dos remédios mais caros, alí por 1813 (19, 289 e 295).

mente moreno, temperada com sal de cozinha e batida por dez minutos com um pente de marfim. O caipira fêz com a medicina uma cruz na testa do doente, que teve de ingerir o restante. Infelizmente havia orações ajudando o efeito da beberagem, que o escritor não recolheu. Mas o menino saíu curado, o que faz muito crer na eficácia das orações. Em Portugal, no concelho de Vinhais, há uma receita para intestinos desarranjados, que consiste em beber em jejum dois copos de urina por oito dias, sendo que urina de criança é melhor. Não sei porém se a criança tem de ser morena, como no caso paulista. No Cardiganshire, para indigestão usam cozimento em urina de certas ervas; no Chile o excremento de cerdo é o que empregam contra empacho; no Brasil, pelo menos no município paulista de Joanópolis, as cólicas, "encola" ou simplesmente "cola" como a chamam lá, se cura ingerindo "sujeira" de galinha preta com água (36). E ainda em Santo Tirso, mais genèricamente, a urina ingerida cura doenças do estômago. As cólicas, na Lorraine retomam o excremento de gato, só que desta vez diluído em vinho vermelho aquecido, e o Prof. Malhado Filho conta que já Dioscórides aconselhava a urina de jumento, mas para cólicas de rins. E para os habitantes do altiplano perú-boliviano e norte do Chile e da Argentina, excremento de chinchila é o bom diurético (40, 46)...

Enumero mais casos vários. Em Alagoas para bócio, bebem a própria urina, logo após a

emissão. Em São Paulo a tosse-comprida é curada com urina de vaca tomada pela manhã, em Bariri, o que me foi confirmado por Edmundo Krug. Já em Brodowski é o jasmim de cachorro fervido que cura a coqueluche, me conta um amigo. Êste mesmo "chá" se estende ao município de Tabaquã, conforme observação do médico dr. Azevedo Rangel (36) e ao município de Duartina (em casos de asma) pela observação do dr. Liberato Mesquita (36). Asma, em Pernambuco, se cura com uma colher de bosta de vaca, apanhada ainda quente no momento da dejeção, e delida no leite. E' de recordar neste passo que, entre os Mossi, o jasmim de cachorro e também a bosta de vaca entram no remédio usado para tosse de cavallo. Afrânio Peixoto refere a urina de vaca em jejum, para emagrecer. Confesso que hesitei no reportar esta receita, pois que sacrifícios não farão por aí tudo essas moças, na aspiração de acabar com as banhas equatoriais da raça!... Leonardo Mota informa que no sertão do Ceará a urina de vaca é remédio para comedor de terra, "papista" como se diz em língua brasileira. Na excelente contribuïção do dr. Lajes Filho sôbre **A Medicina Popular em Alagoas**, é a congestão, lá mais chamada de "mofina" ou "ar-de-fora", que abranda com uma solução de sujeira de pinto bebida ás colheres; o espasmo com fézes de porco; o fígado com urina bebida em jejum; e também as nevralgias com a paciente gosma que resultar de um quilo de açúcar metido no ânus dum urubú depenado,

desviscerado, pendurado, e lhe escorrer pelo bico. E se Dioscórides recomendava urina de marruá ou de cabra contra dôres-de-ouvido, a usança repercutiu no Brasil, pelo menos em Viradouro, onde o algodão embebido em urina de gato e pôsto no ouvido, diz-que cura surdez. Em Piracicaba é muito generalizado quando se tem dôr-de-ouvido pingar bosta de papagaio, me contou Paulo Ribeiro de Magalhães, e outros Piracicabanos confirmaram. Êste costume existe em Alagoas também. Os olhos não ficaram atrás dos ouvidos. Me contou o meu amigo Fernando Mendes de Almeida que, em Rio Claro, ensinaram a um italiano com catarata, lavasse diàriamente os olhos em urina. No Nordeste é o estrume de porco preto que cura a sapiranga ou "ti-roi", depois de diluído em água. E ainda E. Krug reporta que no Paraná, o excremento de lebre é usado como preservativo de moléstias de olhos. Na zona da Mata, em Pernambuco, usam jasmim de cachorra donzela; em Alagoas três cíbalos fecais de coelho; mas nas vizinhanças de Mboy chá de jasmim de cachorro, dos já brancos, é que limpa os olhos, lavados de-manhã no levantar. No inquérito feito pelo Departamento de Cultura (36), sôbre os processos populares de curar terçol em São Paulo, verificou-se que no município da Capital é conhecido esfregarem o traseiro duma môsca no terçol, o que sei ser usado também no município de Araraquara, pelo menos. O escritor A. de Faria trouxe ao inquérito prática assimilável, mas com o

mais difícil gato, colhida na fazenda São Domingos, do município de Ituverava: "Segura-se um gato pequeno (se o doente fôr mulher, e gata se fôr homem) e esfrega-se o ânus do animal sôbre o terçol. Há quem afirme ser o remédio mais eficaz, dentre todos os remédios conhecidos, porque o doente fica vacinado para tôda a vida". Outro informante de Tremembé, reportou a cura do "treiçol" com aplicações de urina de criança, de preferência menino; o que se parece com a receita do Tietê, colhida pelo dr. Lafayette Camargo Madeira, onde o terçol é curado com a urina do próprio doente. O colírio de urina também foi consagrado pela medicina erudita de outrora, denuncia ainda o Prof. Malhado Filho. E para o nariz só sei de bosta de boi, numa misturada fabulosa, de emprêgo em Viana do Castelo, para fumigações e abrimento de nariz tapado nos resfriados, melhor que Mistol.

E termino aquí esta enumeração assustadora de remédios escatófilos. Ainda poderia continuá-la por um tempo com o que sei e guardo das minhas viagens através dos livros, das terras e da fragilidade humana. O que aí vai é suficiente para documentar o leitor porventura insuspeito de tamanha escatofilia. Mas importa mais é decidir se poderemos designar êsses costumes como simples fenômeno de patologia social. Se tratará apenas duma escatofilia? Creio que não.

II

Mas se a escatofilia não é suficiente para explicar tôda a medicina excretícia bem como as numerosíssimas lendas e superstições outras que se inspiram nos excretos, ela é um fenômeno de patologia social que abrange permanentemente a humanidade. Muitas vezes, está claro a escatofilia não passa dum fenômeno individualista, e isso pouco nos interessa aquí. Me lembro dum caipira, encontrado na minha infância, numa fazenda lá para as bandas de Araraquara, me contando que nas suas viagens enormes, "de a-pé" pelas estradas, quando se sentia exhausto e alterado de calor, tomava a própria urina e logo se sentia descansado e pronto para novo estirão. Nunca mais pude constatar semelhante costume, nem mesmo na zona de Araraquara, e imagino que se trata dum caso individualista, uma verdadeira mistificação de histérico. Assim mesmo, o costume do caipira não vai sem certa analogia com a tal "essência de urina" setencentista, que Mme. de Sévigné usava quando tinha seus "vapeurs"... O histerismo pacífico apresenta desvios dêsse gênero. Afrânio Peixoto na **Psico-Patologia Forense**, refere o caso da histérica baïana Joaninha, que fazia aparecer "excrementos de animais nas panelas do jantar". Baudelaire numa das suas mais terríveis **boutades**, descreve o Francês, afirmando que "il est scatophage, il raffole des excréments", ao que Laforgue "**L'Échec de Baudelaire**)

comenta que o grande poeta se descrevia a si mesmo. Era êle, Baudelaire, o escatófago lamentável. "Ajoutons simplement qu'à partir d'un certain degré de névrose, comme chez Baudelaire, le sujet peut effectivement arriver à manger ses excréments et à boire son urine."

Mas a escatofilia não é um fenômeno patológico exclusivamente individualista, e especialmente numa das suas manifestações mais importantes, a coprolalia, que é a obsessão de pronunciar sujeiras, ela é simplesmente humana. A coprolalia se demonstra pouco, apenas nas sociedades, ou melhor, nas classes mais policiadas. Assim mesmo, qualquer fenômeno social mais violento abre as comportas da coprolalia sequestrada. A guerra de São Paulo, em 1932, provocou uma coprolalia virulenta nas classes sociais mais cultivadas, e observei muitas vezes o palavrão que substitue mais popularmente "excremento", estremecer em muito lábio feminino, é triste recordar.

A coprolalia surge violenta é nas sociedades e classes sociais menos controladas pela educação artificial ou pelo aprimoramento intelectual do indivíduo. No selvagem, nas classes proletárias, na mocidade e nas crianças. E' sempre a coprolalia que ganha o primado da manifestação. Se nos mictórios públicos, floresce a arte pròpriamente "imoral", as latrinas públicas são uma enciclopédia de desenhos, quadrinhas e frases, menos imorais que simplesmente porcos. A mocidade então se compraz no palavrão e nas anedo-

tas. Só a mocidade?... Nas crianças é espantosa a floração de parlendas, pegas, adivinhas escatófilas. Percorro a minha coleção, escolhendo apenas os documentos escatófilos, ou em que a obcenidade está condicionada à atração dos excretos.

Eis uma advinha infantil, completada por uma pega: — O que é, o que é, vai a um canto e faz có có có? — Galinha! — Pois m... para quem tanto adivinha! (42, 102). Outra: — que me importa! — Bate o c. na porta! (colhida no Estado de São Paulo). — Sabe, o Joaquim? — Que Joaquim? — O do c. assim (e faz um círculo com os polegares e indicadores; São Paulo. — Aonde? — No c. do conde (São Paulo). A quem nos chama por tu, se interrompe com:

Tu, turú-tu-tú
No buraco do teu c.

de que existe variante "parente de teu c." (43, 39), e outra mais limpa:

Tu, turú-tu-tú
Parente do tatú
E do urubú!

tôdas colhidas em São Paulo. A quem diz: — E' mentira!

— Amarra o c. com embira
E veja o lucro que tira! (São Paulo)

A quem diz que está com frio:

— Vá lavá a b.... no rio!

ou "Vá lavá o c. no rio", ou também "Ponha o c. no rio" (tôdas colhidas em São Paulo). Em Portugal conheço:

— Quem tem frio
Mete-se no rio,
E cobre-se com a capa
De seu tio (44, 189).

— Onde vai? — No currá da vó! (São Paulo). Em Franca, se esclarece melhor o sentido de "curral" de bois, numa resposta de tal forma horrorosa que não tenho fôrças para a reportar aquí. Mas na minha infância urbana, tôda a meninada tomava o "currá" no sentido de aumentativo de c. E nesse sentido é que se cantava a quadrinha:

O balão queimô
Duma banda só,
Eu também arrepiquei
No currá da vó!

que Daniel Gouveia dá com leve variante. Outras dadas ainda por Daniel Gouveia:

João Cambão,
Perna de grilo,
Costela de cão,
Fogo, mais fogo
No c. do João.

E êste curioso B-A-Bá:

— B-a-bá.
— Passa pra cá.
— B-é-bé.
— Dê cá o pé.
— B-i-bi.
— Passa pra aquí.
— B-ó-bó.
— Corta cipó.
— B-u-bu.
— Para teu c.

No brinquedo da "Táta", em São Paulo, quando o menino que está comendo não quer dar nada para o outro, responde:

— C. da gata,
Come queijo com batata!

Existe ainda uma quadrinha popular trocadilhesca, que os adultos fazem as crianças decorar:

No cume daquela serra
tem um pé de laranjeira,
Quanto mais ela floresce,
Tanto mais o **cume** cheira.

Essa invenção, sem dúvida graciosa, deu um desenvolvimento espantoso, numa poesia longa popularesca, talvez mesmo popular entre marujos. Está no **Trovador Marítimo**, da editora Quaresma, para quem se interessar por ela. Ainda entre as

quadrinhas, correntes em São Paulo, sobretudo na voz infantil, conheço estas duas:

Deus te dê um filho macho,
Com cara de tacho,
Chamado **Tomás** (notar o sentido porno-
Com um furo em baixo. [gráfico)

Em riba daquela serra
Tem um buraco de tatú;
Passa rato, passa gato
No buraco do teu c.

Outra quadra que conservo nos meus papéis, e me parece de proveniência falsa e erudita, rima:

Amarrei num lindo trôço
Uma fitinha amarela,
Perguntaro: — Que é isso moço?
Respondí: — E' a bostinha dela.

E na famosa anedota, espalhadíssima em São Paulo, do caipira atrapalhado, que no lugarejo do Buraco (nome topográfico freqüente no Brasil) foi obrigado a fazer um brinde num casamento:

Viva o Vicente da noiva,
Viva a noiva do Vicente,
Viva a gente do Buraco,
Viva o Buraco da gente!

Outro grupo numeroso é o referente à expulsão de gases. Já se principia por cantar:

Êste menino é do céu,
Não se cria,
Tem um buraco no c.
Que assovia. (São Paulo)

O cheiro é repudiado e o indivíduo que o provocou, dêste jeito:

Texto, panela,
Bolô, fedô,
Arrebenta o c.
De quem peidô!

ou, ainda em São Paulo:

Pé de pato, pé de pinto,
Quem peidô que vá pros Quinto!

Uma parlenda, colhida em São Paulo, cantarola:

Galinha quando canta qué botá,
Moça bonita quando pinta qué casá,
Gente velha quando peida qué cagá!

E quando chamam um menino de "sujeito", êle responde logo:

Sujeito é peido,
Peido é vento,
Vento é nada,
Nada é peixe,
Peixe é da água!

em Franca, variando em Bragança, para:

Sujeito é peido,
Peido é vento,
Vento é alimento,
Alimento é teu sustento!

em que se descobre uma longínqua alusão à escatofagia.

Isso nos transporta para o grupo mais importante destas parlendas, o em que a coprolalia alude de qualquer forma à escatofagia. Ninguém ignora quase a pega violenta: — Você gosta de queijo? — Gosto. — Erga o rabo do gato e dê um beijo. Ainda existe a variante que manda levantar o rabo do cachorro. O gato volta na outra pega, de Franca: — Vamos fazer um trato? — Qual é? — Eu como no prato e você no c. do gato. E ainda com o beijo, existe a resposta a quem diz "Bem feito!": — Beija o c. perfeito! (Franca). Ainda com o gato, Daniel Gouveia recolheu a pega: — Fulano, olha aquí! e quando o outro olha e não tem nada que ver: — M... de gato pra quem espiou, doce de côco pra quem enganou! Mas a pega positivamente escatofágica e mais espalhada do grupo, creio que é a do "Eu também" vulgaríssima. O respondedor vai dizendo "eu também", até que o pegador encontra o passarinho, com seu bico de latão... — Eu também. — Pinicando um cag.... — Eu também (46, 150). Ou então é o pegador que trepa numa árvore, e defeca lá de cima.., — Eu também. — Cachorro comeu.

— Eu também. (Franca). Ainda em Franca, se alguém diz "Vamos apostar?", o outro secunda:

"Meu pai dizia:
— Come bosta
Mas não aposta".

Em Piracicaba, a parlenda do "Amanhã é domingo" corre assim:

Amanhã é domingo,
Pede cachimbo,
O cachimbo é de barro,
Bate no jarro,
O jarro é fino,
Bate no sino,
O sino é grosso,
Bate no trôço,
O trôço é mole,
Você engole.

Ainda aquí no Estado, correm estas rimas:

Quem é...
Titica do Migué?...
Quem queria...
Titica da fria?...
Quem comeu...
Titica do Abreu?...

e a outra generalizada rima infantil que responde a quem fala "bosta": — "Diz, quem gosta".

Os coitados dos Nicolaus escutam uma, que é

das muito pornográficas. Mas também acharam jeito de responder com um terrível dístico principiado por: — Só se fôr de araruta..., etc., que não interessa repetir inteiro.

Ainda a êste grupo se juntam um "não me amole!" raivoso dos caipiras de Franca: "Ora vai c... dum carro abaixo e lambê as rodas!"; e um desafio colhido em Santa Rita do Passa Quatro, que também, pelo excesso, não tenho vontade de reportar.

E ainda não registei a mais generalizada de tôdas as rimas toantes do Brasil, que responde a quem diz:

— M...
— Coma com erva!

E basta quanto à escatofilia de "civilizados". As civilizações primitivas, os selvagens podiam nos dar um bom exemplo a êsse respeito, se conservando mais discretos... Infelizmente não é assim, e também entre êles a escatofilia grassa com vigor. Mais de um dos etnógrafos que têm estudado os nossos Ameríndios, já indigitou a escatofilia dos Brasis. Alguns foram mesmo ao desacêrto de expurgar as lendas e histórias que recolhiam. Poupo os meus leitores, evitando enumerar muitas provas disso. Cito apenas alguns testemunhos ilustres. Que venha em primeiro lugar Koch Gruenberg na sua obra monumental **Vom Roroima zum Orinoco**: "Mesmo nas lendas mais sérias estão disseminados episòdicamente elemen-

tos obcenos, os quais muitas vezes nada têm que ver com a evolução do caso. Lendas inteiras são notòriamente obcenas. E dão um prazer enorme tanto ao contador como aos ouvintes." Isso mesmo comunica o general Dionísio Cerqueira: "Contava-me (um pagé) coisas tão pesadas, dando famosas gargalhadas, que eu creio ter corado"... Koch Gruenberg enumera, no lugar citado, um bom número de obcenidades meramente escatófilas. Assim é que o dito, aos Nicolaus, tem um símile entre os Brasis do extremo-norte, quando Macunaíma esfrega o côco de inajá no pênis, antes de dá-lo ao mano Giguê para comer. O primeiro fogo é tirado do anus duma velha. A primeira rêde bem como as primeiras sementes do algodão foram comprados com um dinheiro mais fácil que emissão de bônus, excremento humano. Etc.

Mas não me furto a citar, em tradução livre, a bem urdida lenda escatológica de Puíto, que está entre as mais originais, mais exclusivas dos Ameríndios. Antigamente os animais e os homens não tinham anus. **Parece que defecavam pela bôca.** Mas existia o bicho Anus, chamado Puíto, muito grande, que andava descansado, vinha vindo, e de repente peidava na cara de todos e fugia na disparada. Então os animais se ajuntaram, falando que sim, que deviam de agarrar o Puíto e repartí-lo entre si. Fizeram. Nem bem Puíto chegou, correram atrás dêle, foi, chi! uma corrida medonha por aqueles morros e campos dos limites das Guianas, e nada de conseguirem agarrar o bicho Puíto.

Afinal dois papagaios conseguiram, que se chamavam Culiváí e Calicá. Pegaram no Puíto, amarraram bem êle, enquanto vinha chegando a animalada. Veio o tapir, veio a cotia, mutum, jacú, veado, cujubim, jacaré, tudo. E principiaram cortando o grande Puíto em pedacinhos. Mas logo o tapir agarrou num pedação que ainda estava para repartir e ficou com o pedação para êle só. Por isso que o tapir tem c. tão grandão. O papagaio se contentou com um pedacinho bem pequetitinho, a pomba e o veado, idem. Quando veio a rã reclamando o pedacinho dela, os papagaios jogaram um que caíu nas costas da rã. Por isso é que ela tem o puíto nas costas. Todos, todos, os bichos do mato, a passarinhada das árvores, a peixaria das águas, todos arranjaram seu puíto para cada um. Com o peixinho Caroíde se deu que ao jogarem os papagaios o pedacinho dêle, caíu mesmo no pescoço, razão pela qual Caroíde traz o puíto no pescoço. E assim se fizeram os anus que a gente hoje traz em si. Não fôsse isso, tínhamos de cagar pela bôca. Ou arrebentar...

Saint-Hilaire reporta uma cantiga dos Macuni mineiros, que não deixo de reproduzir, por causa das conclusões a que me levou. "Abaaí bitá popi amabá poaté poteice anári." O que significa: "Quando as mulheres vão mijar, as árvores olham e não dizem nada." Esta cantiga me parece uma simples derivação escatológica, doutra anedota brasileira, de fonte ameríndia se não me engano, e inspiração mais diretamente sexual, em que,

quando uma mulher atravessa uma "pinguela", o tronco derrubado que serve de ponte no corgo (pinguela) grita que viu-lhe o sexo. A palavra "pinguela" em Portugal, no dizer de Figueiredo, tem mais ou menos a mesma significação que no Brasil, "viga ou prancha atravessada sôbre um rio", mas o seu masculino não tem a significação obcena que guarda entre nós, muito usada em língua de rapaz. E' muito provável que a significação obcena dada ao masculino de pinguela no Brasil, derive da anedota reportada acima e da imagem fálica dos troncos de árvore. Uma variante da anedota, colhida de bôca popular em Casa Branca, duma obcenidade graciosa, me parece retocada eruditamente, se não fôr de direta criação erudita. O processo de rimar indica proveniência erudita, que certifica a palavra "regato", não usada popularmente em São Paulo:

Maria atravessou o regato,
Molhou a barra do vestido:
Na água deixou o retrato
De tudo o que estava escondido.

Creio ter demonstrado suficientemente que a escatofilia é um fenômeno violento de patologia social. Se ela é na realidade insuficiente para justificar tôda a medicina excretícia, me parece incontestável que em muitos casos a terapêutica dos excretos, não passa duma aberração patológica humana e eterna.

Há porém outros fenômenos sociais que dão para a medicina dos excretos uma origem mais determinada. São principalmente os fenômenos religiosos da magia, que estudaremos agora.

III

Já vimos, na primeira parte dêste estudo, que a magia-baixa emprega com freqüência a terapêutica dos excretos. Ora é fácil de perceber que certos processos místicos de magia são também aplicados, na invenção de seus remédios excretícios, tanto pela medicina popular como pela erudita antiga.

Entre os Mura e outros Brasis o pênis do macaco é sempre guardado cuidadosamente porque, entre outras aplicações terapêuticas, é específico para **fortificar o coração.** Neste remédio voronófico, a gente percebe o processo chamado de magia homeopática, isto é, de cura por identidade, o semelhante curando o semelhante. O pênis do macaco é aí considerado como o elemento da masculinidade, ou, mais genèricamente, da fôrça, por isso **fortifica** os corações enfraquecidos.

Colho em França e em Portugal, duas crendices populares em que a magia homeopática está empregada. Ambas se ligam ao culto da pedra, e a francesa tem uma desinência que a torna perfeitamente idêntica ao costume que Martius encontrou entre os Mura do Brasil. Assim é que em

várias partes da França (como na Sardenha e na Grécia, diz o dr. Guiart) permanece até os nossos dias o costume do escorregamento ou fricção, que é rito exclusivamente feminino. Consiste nas mulheres escorregarem ou friccionarem os órgãos genitais em megalites ou pedras naturais, de forma fálica. Esta prática se liga à noção do amor e principalmente da fecundidade. Sébillot não soube lhe salientar o caráter homeopático, a-pesar-dêste ser mais que perceptível. O dr. Guiart o salientou melhormente, contando que em Sulignat, nas proximidades de Trévoux, as mulheres costumam raspar um menhir, dando o pó em bebida aos seus homens, afim de lhes redespertar a virilidade (G). Mas o que liga a fricção francesa ao costume dos Mura, é que "a fricção na pedra não é apenas eficaz nas coisas que se ligam ao

---

(G) Os remédios homeopáticos em que o pênis e os testículos entram para dar virilidade, são comuns aos povos antigos e aos Africanos, pelo menos os Mossi. Delobson dá, em tôda a sua complexidade, quatro receitas dêstes negros, dêsse gênero. Plínio dá como afrodisíacos os testículos do galo, de vários animais e mesmo a urina recentíssima do touro, o que me lembra ter ouvido falar de um fazendeiro patriarca, da região de Araraquara, comedor deliciado de testículos de touro, que lhe conservavam a virilidade. Ainda Plínio, que livro delicioso! conta o costume engraçado dos negociantes de escravos que, para impedir a vinda dos pêlos muito cedo nos adolescentes, depois de arrancadas as penuginhas, aplicavam no lugar sangue dos testículos de anhos **que se castram.** O ser sangue proveniente de castração, evocou aqui a idéia de impedimento da puberdade prematura. Aliás não haverá também entre nós (51, I, n.º 7, p. 21) uns laivos de terapêutica analógica, no fato de darem para comer às crianças que mijam na cama, crista de galo **capão?** Pois o próprio Esculápio não imaginara, contra afecções do anus, aplicar-se no lugar cinza de jasmim de cachorro?...

amor e à fecundidade, mais ainda, **quando a gente quer se fortificar e recobrar saúde.**" E conta ainda Sébillot que, evidentemente por causa da noção de fôrça que está ligada ao falo, muitos menhires e outros monumentos megalíticos, bem como as rochas naturais de forma fálica, nas quais estes ritos são praticados, levam o nome de São Sansão, que é o herói bíblico, símbolo da fôrça. Chamam-o também de Saint Fort, às vezes.

Já Leite de Vasconcelos (52, II, 292) soube compreender perfeitamente o caráter de magia homeopática do costume português: "**A pedra d'urina** é um fóssil do gênero Belemnites, muito freqüente em tôda esta zona: o povo raspa-a e toma o pó em água, tanto quanto pode caber na superfície duma moeda de prata de dois tostões, na suposição de que se cura de cálculos vesicais, vulgarmente chamados **pedra de bexiga.** A razão da superstição está provàvelmente, de um lado na forma fálica do fóssil, pois é cônico, e do outro na natureza dêle, pois o povo lhe chama **pedra** — observando-se aquí mais uma vez uma regra terapêutica, que pode enunciar-se por êste aforismo: similia similibus curantur (magia simpática)."

Mas não apenas entre primitivos e populares veremos formas escatófilas de magia homeopática. Ainda conheço dela um caso bem curioso, na medicina erudita do século XVIII (53). Se trata do famoso Xarope de Velnos, de 1765, contra moléstias venéreas, com que a mulher do pintor Greuze buscou se concertar da enfermidade con-

traída fora do lar. Além do mercuriozinho santo, vinham ingredientes mais ou menos distraïdores e sem eficácia nenhuma. Porém o que nos interessa na receita são as 30 gramas de "racine de pissenlit", completamente inócuas. A idéia de botar raiz de **pissenlit** se origina puramente das associações de imagens provocadas por esta palavra, o que é processo sistemático de magia. No caso, de magia simpática. O remédio adquiriu tal celebridade, que dez anos depois da sua invenção, os soldados franceses pediam ao primeiro médico de Luiz XV, a renovação de privilégio do Xarope de Velnos, num poema quase heróico:

Nous n'en rougissons point, c'est le mal des héros,
Nous l'avions jusque dans les os.
(.....)
Un bon prêtre nommé Velnos
Nous a fait voir qu'il est encore
Quelque bonne divinité
Au grand autel de la Santé.
O vous dont le savoir conduit la bienfaisance,
Protégez notre bienfaiteur
Qui nous rend aux désirs, qui nous rend au bonbeur!

Ora pois: donde vem a magia baixa e tantos processos primitivos de magia empregarem os excretos? Tudo isso são derivações incontestáveis, a meu ver, da noção que a mentalidade primitiva tem dos excretos, e que persiste, embora menos franco, na mentalidade popular. Os primitivos não concebem os excretos como elementos desnecessários ao organismo e que êste expulsa de si.

Esta noção científica, que nos parece a nós tão clara, nunca pôde se estabelecer nitidamente na mentalidade primitiva. Os "selvagens", e mesmo o homem popular, não concebem os excretos como uma relação de causa e efeito, meramente fisiológica. Bargheer no **Handwoerterbuch des Deutschen Aberglaubens** (12, II, 1097; V. ainda em III, 1472), observa com muita claridade que as representações ligadas aos excretos lhes concedem certas fôrças vitais, **um como que resto de vida, principalmente utilizado em cura e feitiçaria** (Conf. ainda o dr. Almeida Júnior in 54, p. 77). Êsse pressuposto "resto de vida" fica em relação mágica com o seu primeiro possuïdor.

Se observa aí o princípio de contaminação ("de participação", diria Lévy-Bruhl), enormemente generalizado por tôdas as civilizações naturais, pelo qual tudo o que pertence a um indivíduo, armas, vestimentas, e até espôsas, pelo contacto em que viveram com êsse indivíduo, ficam fazendo imediatamente parte dêle. Essa é a razão principal de costumes tão ferozes como a destruïção das posses dum homem e até de seus escravos e principalmente mulheres, depois que êle morre. E' que, por fazerem parte dêle, não podem ficar neste mundo e êle noutro, sem lhe causarem gravíssimo, ou insuportável desarranjo na personalidade. Bros, estudando o animismo, constata que em certas civilizações naturais, se chega a atribuir um espírito a cada região de corpo, e que as partes dêste agem pela existência dêsse espírito par-

ticular, o qual é o realizador de tôdas as funções dessa parte do corpo, sonhos, respiração, "como a própria digestão e seus resultados." E acrescenta em nota que, sem dúvida por êsse motivo, entre os Australianos, os excrementos humanos são tabús e devem ser enterrados cuidadosamente. O excremento-tabú parece existir também entre os Ameríndios do Brasil, a julgar pelo que diz Martius numa das suas fugas para o latim: "Inter horum Indorum mores et alium latino sermone comemoraret jubet, alvi scilicet dejectiones, eo quo posuerant loco, terra obruendi. Me ipsum, quoties, ut hoc naturali negotio fungerer, sylvam entrarem, continuo puellula insequabatur, matris jussu, quae baculo curaret, ne imunditie quid superesset." Bros observa que a explicação simplesmente higiênica não é plausível em casos dêstes, tanto mais lembrando que na Polinésia existem cerimônias importantes, em que os excrementos constituem uma oblata gastronômica reservada a reis e titulares. A observação de Bros será talvez um pouco exagerada, na sua aplicação tão sistemática da teoria animista, que Lévy-Bruhl veio depois em grande parte suavizar, mas é certo que, na sua maneira "mística" de interpretar os fenômenos naturais, tanto o primitivo como o indivíduo tomado de crendices, é levado a não conceber nada como inócuo. Tudo tem fôrça, tudo conserva fôrças místicas, isto é, que transcendem à observação, à realidade perceptível e experimental, às relações de causa e efeito, etc. De forma

que os excretos, por terem pertencido a um indivíduo, guardam fôrças vitais, obtidas pelo contacto com a fôrça vital do indivíduo que os expulsou de si.

Assim o excreto é agente, possue um fluido vital. Êle está em relação direta com o indivíduo que o expeliu, lhe pertence, faz, mesmo expelido, parte integrante dêsse indivíduo e da vida dêle. Portanto a primeira idéia mágica é que agindo sôbre essa parte integrante, e viva sempre, do indivíduo, se agirá também sôbre êle. Lévy-Bruhl, recenseando os malefícios sem conta que a feitiçaria pode fazer a um indivíduo, enumera também os elementos humanos de que o feiticeiro se apodera para agir sôbre o infeliz, fios de seu cabelo, lascas de unha, excrementos, urina, marca dos passos, a sombra, o nome, etc. (56, 53). Na feitiçaria brasileira isso persiste vivamente, e Hernani de Irajá verifica também que "em quase todos os feitiços e simpatias para prender por amor, os líquidos humanos tomam lugar de destaque."

Assim os excretos, pelo princípio de contacto, ou de "participação", mantêm sempre um "resto de vida", um elemento vital que primordialmente está em relação com a pessoa mesma que o expeliu. Mas se age-se sôbre esta pessoa agindo sôbre os excretos dela, **também estes podem agir por si mesmos, por guardarem as mesmas qualidades possuídas pela pessoa que os expeliu.** Esta ilação me parece importantíssima, porque dela se vai derivar com clareza (e lógica de primitivo...) o

princípio medicinal dos excretos. Estes mantêm um "resto de vida", êste elemento vital foi expelido normalmente por um indivíduo são: necessàriamente os excretos, como elementos vitais, são princípios de vida; e vindos da saúde normal, são princípios de saúde. Êste princípio perseverava conciente na própria medicina erudita, pois que, como vimos atrás, para os remédios tirados do corpo humano, se preferia os indivíduos mortos arbitràriamente, os supliciados, porque supostamente dotados de saúde normal. Me resta provar que de-fato os primitivos guardam essa noção de que os excretos têm as mesmas propriedades do indivíduo que os expeliu. A documentação é farta.

Sébillot (58, 92) já verificou que é freqüente no folclore universal, a urina dos sêres sobrenaturais estar ligada à hidrogenia. A urina de Gargântua dá origem a tanques, a da fada Melusina a fontes, e ainda é uma mulher mítica, nas lendas ésquimos, que com sua urina faz nascer um rio. Noutro livro dêle, Sébillot ainda fornece o exemplo da urina dos santos dando origem ao mar salgado, e lembra que entre os Nuka-Hiva, da Polinésia, também explicam a existência dum lago salgado pelo mijo duma divindade feminina. E também o gigantão Hok-Bras, maior que o próprio Gargântua, deu origem ao pôrto de Paimbœuf com uma mijada. T. W. Danzel, relata lenda idêntica a esta francesa, entre os Caraíbas das Antilhas, que contavam que o mar se fizera da urina e do suor dos deuses. Conforme Stith Thompson

a noção de rios nascidos da urina dos deuses ocorre na mitologia nórdica e também no Sudão, onde a recolheu Frobenius. Ao passo que entre os Esquimaus, os Koriak e os índios Athapascan, da urina (humana?) vem a inundação, onde se percebe já o pressuposto maléfico dado ao excreto. Não sei de tradições idênticas no Brasil, mas o benefício mágico da urina sagrada persevera na crendice baïana de que, se a laranja é tão doce em junho, isso deve às mijadas de São João (59, 185). Na civilização dos Incas aliás, ainda se encontra uma lenda atribuindo a origem dos homens à urina do raio (60, 120).

Um grupo interessante destas superstições é o que considera os excrementos dos deuses ou dos sêres superiores, como sagrado e portador de mil propriedades diferentes. Na índia por exemplo, o excremento dos Brâmanes (que pelas leis de Manú formavam a casta superior, feita de sacerdotes e sábios) era sagrado (61, III, 28); o que se pode sempre aproximar dum costume da escravidão, no México precolombiano, pelo qual todo escravo à venda tornava-se livre, se conseguisse ultrapassar os muros do mercado e botar o pé em bosta de gente. O excremento libertador é tradição européia, Alemanha, França, Itália, Holanda, Suíça, no costume do prisioneiro que foge, evacuar antes de fugir, o que evita nova prisão. Tradição que ecoa no Brasil, pelo testemunho do prof. Alcântara Machado.

Se viu na primeira parte dêste estudo, que de

todos os excretos, o que parece mais usado sistemàticamente é a bosta de vaca. Isso terá sua fonte na adoração indiana da vaca?... Um anônimo português, impresso nas **Notícias Ultramarinas,** conta a história da vaca Camodean, que dava tudo, e como principiou com ela a adoração da vaca na Índia: "Desde aquele tempo os Brâmanes semearam a superstição da adoração da vaca; que quando fazem seus lavatórios rezam **sandeá** (quer dizer a oração da vaca); e na hora da morte tomam o rabo na mão, e em vida bebem a urina, ou bosta, urina, leite, manteiga, tudo misturado, **dizendo se perdoam os pecados**" (62, 12). E esta idéia de misturarem bosta de vaca com leite e manteiga, me lembrou de sopetão que, aquí no Brasil, no dizer de Perestrelo da Câmara, se chamou ao excremento e **ao estêrco** (notar a noção alimentícia...) de "manteiga de Ezequiel", o que também implica visìvelmente a santidade atribuída ao excreto que vai alimentar a terra. Mas no Brasil ainda temos melhor, que é a reprodução muito exata do caso da vaca Camodean, com o caso do bezerro do Joazeiro. O padre Cícero recebera de presente um zebùzinho, que logo se confundiu no espírito do povo com as coisas sagradas do famoso "padrinho" do Nordeste. O bezerro também virou sagrado como o padre, o que é uma repercussão bem curiosa no povo, daquele princípio de participação, próprio da mentalidade primitiva. Logo pegaram recolhendo os excrementos do zebùzinho sagrado, falando que eram

milagrentos, operavam curas de maravilha, o diabo! a urina dêle curava a sapiranga e tracoma (64, 142). Parece que foi aliás o próprio padre Cícero quem deu o basta nesses abusos. Êste caso, que me foi contado várias vezes no Nordeste, vem também referido no livro de Floro Bartolomeu sôbre Joazeiro, que aliás, meio que bota a culpa do sucedido num terceiro, e meio que afirma não terem existido as superstições escatófilas. Mas Floro Bartolomeu estava interessado em diminuir o mais possível os fenômenos sociais extraordinários do Joazeiro. E a tradição do fato continua viva no povo nordestino.

Já vimos também que no Perú precolombiano, os excretos serviam de augúrio. Isso persevera enormemente no povo. Um caso, mais ou menos legítimo, é por exemplo aquele consignado num dos provérbios da nossa língua: "Mijar claro e dar uma figa ao médico", em que se percebe mais uma vez, a noção de vigor, de saúde, ligada imediatamente à urina. Outros augúrios porém, tirados dos excretos já são meramente supersticiosos. Assim, por exemplo, excremento animal, principalmente de cachorro, é bom sinal quando encontrado em frente à porta-da-rua, e na zona Sergipe-Baía se "...ateima im dizê qu'a urina faz entrá a sorte dento de casa, quando se faz o despêjo na porta da rua" (65, 171). O que se repete em Portugal, pois lá, cachorro mijando na porta-da-rua, com a cabeça para dentro da casa, é sinal de dinheiro. Entre nós, sonhar com urina ou

bosta é que é sinal de dinheiro, nunca sonhei! E em Viradouro, dois meninos cruzando mijo, é sinal que os pais terão "briga de corpo".

Creio ter demonstrado insofismàvelmente que entre os primitivos, os excretos mantêm pois uma noção de princípio de vida, de vitalização, de saúde, e que essa noção persevera nas massas populares. Há porém um grupo de superstições, muito importante, aparentemente contrário a esta noção de excretos vitalizadores, mas que vem corroborar ainda êste conceito e contribuir para o emprêgo medicinal dos excretos. Me refiro ao sentimento de abjeção, de horror, de rupofobia sem caráter patológico, que todos normal e universalmente temos dos excretos. Já algumas das usanças que enumerei demonstravam essa noção de horror. Nos costumes populares, nas pegas infantís, nas parlendas, nas respostas, etc. de adultos como de crianças, êsse conceito abjeto ainda está mais claramente marcado, como já se viu.

Ainda outra curiosa tradição vem confirmar êste sentimento popular de abjeção dos excretos. A incontinência de urina é tida por vilipêndio. Menino "mijão" se envergonha disso e todos o censuram. E para se evitar o perigo das queimaduras corre a ameaça tradicional de que quem brinca com fogo, mija na cama, que também é de todo o Portugal (66, 35). A incontinência de urina provoca... remédios de caráter claramente punitivo às vezes. Se em Tanabí amarram um guiso de cascavel na perna do doente, ou lhe dão uma pus-

sanga de cabelo de milho (Rev. Nova, ano II, n.º 7, p. 366); mais purgatòriamente ainda, Daniel Gouveia reporta o costume das mães fazerem uma trouxa de roupa (mijada?), que o doente leva consigo para ir à casa do padrinho pedir a bênção.

Vejamos agora como êsse conceito, êsse sentimento do abjeto é utilizado nos costumes populares.

E' muito comum, por exemplo, encontrar-se usanças em que os excretos são claramente empregados como um valor expurgatório, exorcístico, afastador de coisas detestáveis, perigosas ou decididamente ruins, como os daimônios em geral. Isso já foi aliás muito bem observado por Stemplinger (12, II, 409, in "Dreckapotheke") quando afirma que "desde tempos precristãos está entre os requisitos da medicina popular, atingir os daimônios da doença, excitando-se (por meio da imundície) ao horror." Edmundo Krug compila dois costumes brasileiros, perfeitamente significativos nesse sentido. Assim é que, em São Paulo, o excremento do rato, torrado na chapa do fogão e guardado em caixa de papelão, preserva a casa dos maus espíritos. E entre Nordestinos, para evitarem peste na criação, na sexta-feira de-manhã fazem uma cruz de carvão na testa de cada rês e misturam uma porção de urina de criança na água do côxo. Nos dois exemplos é visível o caráter de exorcismo dos excretos, salientado no segundo pelo acréscimo da cruz com que se arrenega o Diabo. O valor exorcístico dos

excretos vem expresso diretamente, já nas **Superstições Descubertas** (apud 15, XX, 273): "Ainda há gente que pela manhã lava as mãos com urina **para afugentar os malefícios.** Foi por êste motivo que o juiz Pascázio fêz borrifar com urina Santa Luzia: porque imaginava que ela era feiticeira, e por isso zombava dos tormentos." Isto que ainda se dizia em Portugal em 1883, é costume antiquíssimo perseverado até nossos dias. Plínio, por exemplo, citando Osthanes, diz que para a gente se preservar de qualquer substância funesta, basta, ao levantar, derrubar uma gota da própria urina no pé (H).

O valor expurgatório dos excretos se confunde naturalmente com a noção de valor lustral, é por assim dizer a mesma coisa. Tais costumes nos vieram talvez da Índia, a nós luso-brasileiros, embora sejam muito generalizados no mundo. Conta um Pilôto Português anônimo, contemporâneo mais ou menos de Pedro Álvares Cabral (68, 125), que em Calicute as mulheres do rei lavavam o palácio, misturando na água bosta de vaca. Se trata dum rito religioso dos Indianos, ainda ligado ao culto da vaca. Tylor (69, II, 561) reporta que o Indiano "recorre à vaca sagrada para encontrar o líquido necessário a algumas das

---

(H) E' curiosíssimo que a abjeção pelo excreto, que chega a afastar os espíritos maus, tenha tido na magia baixa européia uma ilação prática. Com efeito receitava-se lavar a casa com um cozimento de arruda e urina de jerico, para matar pulga.

suas numerosas abluções, embora seja sempre a água que êle mais freqüentemente empregue para limpar as sujeiras do corpo e da alma." E nota logo em seguida que também entre os Párseus, a urina da vaca é usada nas cerimônias lustrais. O costume veio para o Brasil. Sílvio Romero em dois dos seus livros, repete que entre nós a bosta de vaca é empregada "supersticiosamente" para lavar o corpo e a roupa. Em Pernambuco, bosta sêca de boi é queimada como desinfetante, eficaz até em epidemias de varíola.

Êsse mesmo princípio exorcístico-lustral dos excretos, é perceptível neste costume da Nova Zelândia, dos pescadores, um dia antes da pesca, deixarem os utensílios desta ao ar-livre, cercados dum excremento qualquer (71, 280). Ora, as armas são concebidas universalmente pelo primitivo, como entidades tendo qualquer participação mística. O caçador ou guerreiro, entre os primitivos, jamais se julga hábil ou desastrado. A arma é que tem o poder de atingir o alvo por si mesma. Se erra, é porque um valor místico maior atuou sôbre ela. A cerimônia da Nova Zelândia se compreende fàcilmente, a meu ver. Os excrementos dispostos em redor das armas de pesca, por abjetos, têm o poder de afastar os espíritos ruins que poderiam atuar sôbre elas. Brito Broca, no vale do Paraíba, colheu esta explicação do próprio piraquara: "Certa vez passei à porta de uma palhoça. O caipira queimava estrume. Perguntei-

lhe porque fazia aquilo. "Para espantar os males" respondeu-me êle" (35, 60).

O que a gente percebe de mais nítido, e de mais importante para o nosso caso, nesta noção exorcístico-lustral, verdadeiramente expurgatória, juntada aos excretos, é que ela implica pràticamente o sentimento de abjeção que todos temos para com êles. Talvez disso apenas derive a antiga receita chilena de curar os viciados de embriaguez, dando-lhes no vinho excremento de porco. A urina chega a ser veneno como no caso da "urina de sapo" que cega.

Se os Bretões do século XVI acreditavam que excremento de andorinha caindo nos olhos cegava, é tradição curiosa do Brasil afirmarem que urina de sapo causa cegueira. Afrânio Peixoto a reporta nas **Missangas**. O prof. Melo Leitão explica isso pelo veneno convulsivante que existe nas glândulas paratóides dos sapos, especialmente do cururú, e que causa uma irritação violenta se atinge a córnea. O que nos interessa na superstição é o povo chamar de "urina", o que êle fàcilmente observará não ser urina, nem derivar do órgão que expele a urina, além de mais uma prova da assimilação de qualquer expulsão orgânica com a expulsão dos excretos, que lembrei na nota B, é perceptível a noção punitiva, purgatória aquí ajuntada ao conceito popular de urina. Também esta noção de abjeção instintiva dos excretos, está fixada noutra série numerosa de costumes. Hesíodo mencionava já a proïbição de urinar con-

tra o Sol (princípio de vida, elemento fecundador (I), coisa que persiste ainda em nossos dias, tanto na Índia como na Islândia (72, 152; 28, XXVIII, 19). Sei de prática mais ou menos idêntica no Brasil, reportada por Daniel Gouveia. Não se fala em Sol, mas em fogo, afirmando que urinar nêle seca o indivíduo, ao passo que na Alemanha dá cólicas de rins e retenção de urina. Em Portugal é pecado urinar n'água, só se livrando da culpa quem diz, ao mesmo tempo: "Morra o Diabo, viva o Menino Jesús." Na Alemanha explicam a proïbição, como delito contra o céu que se espelha nas águas. Ainda no Brasil amazônico, as mães proíbem aos filhos urinar n'água porque o terrível do peixinho candirú sobe por ela e entra na bexiga do mijador. Otoniel Mota, nas **Horas Filológicas**, provàvelmente colhendo a tradição aquí em São Paulo, diz que o povo a explica afirmando que " a água é nossa mãe", e quem nela urina vai pagar no inferno êsse desrespeito. E uma tradição linda brasileira é a que proíbe defecar a beira-rio, porque jamais nunca as águas se digna-

---

(I) "... e adorou o fogo. Mas no verão é o sol que prodiga quentura aos homens e é considerado, por isso, a personificação do fogo. Tornou-se conseqüentemente uma das primeiras divindades dos primitivos. Culto que parece ter sua origem no Oriente, êle é um dos inícios das religiões dos Egípcios, dos Fenícios e dos Persas. E na Grécia, Apolo foi ao mesmo tempo deus do Sol e da Medicina. De-fato, em tôdas as religiões primitivas o sol é considerado como o grande curàdor" (50, 397). Para as relações e identificações místicas entre o fogo e o sol, confronte-se particularmente o livro de Frazer sôbre **Os Mitos da Origem do Fogo.**

rão atingir êsse lugar, para sempre abjeto. Na África, entre os sacrifícios e orações que o caçador faz, para tornar de novo propício o hipopótamo que êle matou, o indivíduo se lava numa mistura de sangue e excremento da vítima, ao mesmo tempo suplicando que o bicho não se zangue de o terem matado. O caçador se expurga do pecado de matar, com essa lustração desagradável. Persevera no Brasil um costume curioso, que parece deturpação mais prática dessa mesma tradição africana. Conta José de Carvalho que entre as "cajilas" (mascotes, J) de caçador, uma consiste no indivíduo ensopar a roupa em sangue e excremento dum veado já morto. Isso faz com que o veado a ser futuramente caçado, não se espante com o caçador e o deixe aproximar. O autor observa, talvez com razão, que o veado, ótimo farejador, sente o seu próprio cheiro e por isso não se alarma... E' possível. Mas a existência de práticas semelhantes na África e noutras partes, com função puramente expiatória, parece indicar que a usança brasileira não passa duma adaptação prática de ritos místicos primitivos.

Novas provas do sentimento de abjeção causado pelos excrementos, aplicado misticamente, é por exemplo o caso dos Tinglit norte-americanos, caçadores da lontra, que assopram um pouco de

---

(J) Certamente é o mesmo ambundo "quijila", mandamento, lei, que deu quizília em nossa língua (Conf. 75, 191; 76, p. XVII; 77, 153).

urina na direção do animalzinho perseguido. Explicam que a lontra se perturba com isso e em vez de fugir, se põe nadando boba na direção do caçador. Entre os Vachamba, cabra ou cachorro que peguem comendo seu próprio excremento, são logo mortos, porque acham êsses primitivos que se os animais estão fazendo isso, é mesmo porque tomados de qualquer malefício (K). Em Pernambuco, um malefício de feitiçaria é feito com excremento, e afirmam os mestres que é o catimbó mais forte do mundo. Convém não esquecer o delicioso caso histórico da freira de Odivelas, amante de d. João V, d. Paula a Trigueirinha, de cujas fézes se serviram para enfeitiçar el-rei. O que em última instância causou o desvalimento do Voador, Bartolomeu de Gusmão. Nós, Brasileiros, empregamos diàriamente o eufemismo "sujeira" para designar os excrementos. Não tem mãe por êste Brasil, que já não afirmasse que o filhinho "sujou no" cueiro. Se tratará sòmente dum eufemismo civilizado?... Os Bassuto dizem "ter o coração sujo" quando caem numa das suas proïbições místicas, num dos seus tabús. Esta noção e mesma palavra permanecem nas práticas feiticistas de pretos e de brancos do Brasil. Nas macumbas negras como nos mais claros catimbós nordestinos, persevera a cerimônia da "limpeza", em que se faz uma oferenda qualquer, geralmente

(K) Entre os Mossi é o contrário. Cavalo que come seu próprio excremento ninguém não vende, porque raro fica doente.

dinheiro, ao pagé, mestre ou pai-de-santo, para que êle limpe o nosso "corpo sujo". E, ainda mais geralmente ao Diabo chamam de "o Sujo". Assim, quando as nossas mulheres dizem que a criança "sujou no" cueiro, talvez não estejam empregando apenas um eufemismo de mera boa-educação. Há na frase-feita provàvelmente uma tradição herdada, em que o elemento místico dos excretos está pràticamente concebido dentro do sentimento de abjeção que êles produzem, e estou salientando.

E agora, antes de tirar conclusões do quanto venho ajuntando, não quero esquecer, pelo menos de passagem, que na **Bíblia** está bem fixada a noção de abjeção dos excretos. No **Levítico** (I, 9) vem indicado nos holocaustos, que as tripas dos quadrúpedes serão lavadas em água, e que das próprias pombas, os intestinos inteiros, bem como as penas, serão jogados no lugar costumeiro em que se joga a cinza (I, 16). E mais explicitamente, noutros passos ainda da liturgia mosáica (Êxodo, XXIX, 12; Levítico, IV, 11 e ss.), a carne, o couro e os excrementos do vitelo serão queimados longe do acampamento, porque são **hóstias do pecado.**

Ora: creio que nesta série numerosa de exemplos, estão fixadas claro as noções de poder vitalizador e de caráter abjeto, punitivo, purgatório e expurgatório, que as massas humanas não conformadas pela cultura científica, ajuntam à representação que têm dos excretos. Os excretos

podem exercer influências místicas (Conf. ainda 71, 32), ao mesmo tempo que, por abjetos, têm valor sacrificial (Conf. também 79, 339; e 12, III, 1481). Ora, o que leva a medicina empírica a se utilizar dos excretos como remédio? São exatamente tôdas estas noções críticas que venho salientando nestes meus estudos.

Recapitulemos: 1.°: os excretos têm de-fato um ou outro valor prático que justifica o empirismo da medicina excretícia. 2.°: por outro lado existe incontestàvelmente, como fenômeno patológico universal e permanente, uma escatofilia deplorável, uma atração humana pelos excretos, principalmente provada pela coprolalia. Estes dois fenômenos permitem, em grandíssima parte, a permanência e generalização da medicina excretícia, mesmo nas camadas populares das nações civilizadas. 3.°: nas bases mais primárias do homem psicológico, nós vemos os excretos concebidos misticamente como portadores dum fluido vitalizador. 4.°: mas por serem os excretos naturalmente abjetos ao homem, funde-se a essa noção de fôrça vitalizadora, outra noção mais prática, mais fàcilmente perceptível, de serem êles um exorcismo capaz de afugentar os malefícios místicos, causadores das doenças. 5.°: finalmente, do mesmo sentimento de abjeção que causam os excretos, se fixa a noção de que êles são purgatoriais, sacrifícios que a gente faz para obter o benefício da cura.

A medicina reconhece na humanidade um tal

ou qual misticismo, que concebe o remédio da mesma forma como concebe certas práticas religiosas, que consistem em fazer sacrifícios aos espíritos ou deuses, para conseguir dêles um beneficiamento qualquer. Imola-se uma virgem, um boi, um cordeiro. Ou se faz promessas, terríveis às vezes, sacrifícios danadamente purgatoriais, que nem jejuar, andar de joelhos, subir ladeira com pés descalços e carregando pedra, etc. Da mesma forma, o ser humano, que tem nojo instintivo dos seus e principalmente alheios excretos, concebe pois a aplicação em si mesmo da urina e do excremento, como um sacrifício punitivo. Êste conceito sacrificial está ligado intimamente à medicina dos excretos, principalmente nas massas populares das nações civilizadas.

E porventura inicialmente... Os excretos teriam sido de-primeiro, não um remédio pròpriamente, mas um meio místico de obtenção da cura. O que me parece mais que suficientemente apoiado no conceito místico, sacrificial e vitalizador, atribuído a êles.

Poderão me contestar que se essa noção mística sacrificial existe nos povos "selvagens", ela se perdeu por completo, pelo menos concientemente, na gente do povo. Nem tanto assim . . . Em todo caso, nas classes populares, os excretos não são de-fato intelectualmente concebidos e aplicados terapêuticamente, pela noção mística que a êles ajunta a mentalidade primitiva. Mas se pode perceber com facilidade que, se de primitivo meio

místico de conseguir a saúde (dada pelas fôrças místicas, pelos ancestres, pelos daimônios), o excreto veio a ser tomado como a própria causa da cura, e convertido pois à noção de medicamento: êste conceito de ser o excreto um medicamento, que é o que concientemente perseverou nas classes populares, não perdeu de todo a sua noção de elemento sacrificial. E' coisa mais que observada pelos médicos, e mesmo confessada por doentes, **que o remédio que dói tem um poder, além de curativo, sugestivo,** de enorme importância na cura. O povo prefere o iodo à água oxigenada ou ao líquido de Dakin, na desinfeção. **Porque o iodo dói.** Um remédio, ruim de tomar, tem um poder sugestivo muito maior ao paciente popular (e até culto...) que o remédio insosso. O médico paulista dr. Neri Siqueira da Silva me passou mesmo êste delicioso provérbio popular:

O que arde, cura;
O que aperta, segura.

em que a verdade a La Palisse do segundo membro, indica bem a noção de garantia de cura, de tudo quanto arde. Fernando São Paulo estuda com habilidade a noção da palavra "abalo", usada pelo nosso povo: "A palavra **abalo** diz da alteração que certos agentes terapêuticos produzem, objetiva ou subjetivamente. O **abalo** é respeitado pelo povo e indicia, a seu ver, eficácia do remédio ou do medicamento. **"Remédio que não abala, não presta"**, sentenceia o tabaréu (...). O matuto às ve-

zes pormenoriza: **"O abalo foi mesmo in riba da infirmidade"** (reação focal dos cientistas), **"o abalo cortou o corpo todo** (reação geral, da medicina culta)." Ora isto demonstra perfeitamente que perdura na mentalidade humana, um tal ou qual conceito místico-sacrificial, ajuntado ao medicamento. E que êste é mais eficaz, ou pròpriamente, é **um verdadeiro remédio, só quando exige do paciente o sacrifício duma dôr.**

Assim, o que me parece mais fundamentalmente provável no uso popular da medicina dos excretos, é esta noção sacrificial. A ingestão ou aplicação do remédio repulsivo, exige do doente um sacrifício cruciante, uma dôr física e moral. E êle poderá até se curar por isso. Porque o poder da sugestão é incontrolável.

E agora só me resta uma pequena inquietação. E' que, diante dêstes escritos, não vá a observação exercitada de algum médico, diagnosticar eu seja um escatófilo também. Não creio. E nunca mais porei a mão nestes assuntos, arre!

Bibliografia citada

1 — Severino de Sá Brito, "Trabalhos e Costumes dos Gaúchos", Pôrto Alegre, 1928.

2 — Havelock Ellis, "O Instinto Sexual" (trad. Álvaro Eston), Comp. Ed. Nacional, S. Paulo, 1933.

3 — Afonso Schmidt, "Poesias", S. Paulo, 1934.

4 — Docteur Cabanès, "Remèdes d'Autrefois", ed. A. Maloine, París, 1910.

5 — Stith Thompson, "Motif-Index of Folk-Literature", ed. Academia Scientiarum Técnica, Helsinki, 1932.

6 — Dim Delobson A. A., "Les Secrets des Sorciers Noirs", ed. Émile Nourry, París, 1934.

7 — T. W. Danzel, "Handbruch der praekolmbischen Kulturen in Lateinamerika", ed. "Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburgo, 1927.

8 — Revista Nacional de Educação, Rio de Janeiro.

9 — Debay, "Histoire des Sciences Occultes", París, 1869.

10 — "Le Mois", París (n.os 41 e 75).

11 — "Publicações Médicas", S. Paulo, número de setembro, 1933.

12 — Kreyer e Staeudli, "Handwoerterbuch des Deutschen Aberglaudens", ed. Walter de Gruyter, Berlim, 1927.

13 — "Archivos del Folklore Cubano", Havana.
14 — Vieira Fazenda, "Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro", in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.
15 — Revista Lusitana, Lisboa.
16 — Hermann Urtel, "Beitraege zur portugiesischen Volkskunde", Hamburgo, 1928.
17 — Bates, "The Naturalist on the River Amazons", Londres, 1930.
18 — Luiz Edmundo, "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-reis", Rio, 1932.
19 — Leon Tournier, "Las Drogas Antiguas en la Medicina Popular de Chile" (com anotações do dr. Rodolfo Lenz), "Anales de la Universidad de Chile", tomo CXXVII, Santiago, 1911.
20 — Floro Bartolomeu, "Joazeiro e o Padre Cícero", Rio, 1923.
21 — Gustavo Barroso, "Terra de Sol", Rio de Janeiro, 1930.
22 — Dr. Lajes Filho, "A Medicina Popular em Alagoas", Separata dos "Arquivos do Inst. Nina Rodrigues", Baía, 1934.
23 — Afrânio Peixoto, "Missangas", Comp. Edit. Nacional, S. Paulo, 1931.
24 — Paul Sébillot, "Le Folk-Lore de France", París, 1905.
25 — Osvaldo Orico, "Vocabulário de Crendices Amazônicas", Comp. Edit. Nacional, S. Paulo, 1937.
26 — Spix e Martius, "Reise in Brasilien", Munich, 1831.
27 — "Novos Estudos Afro-Brasileiros" (2.º tomo do 1.º Congresso Afro-Brasileiro do Recife), ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937.
28 — Plínio, o Moço, "Histoire Naturelle" (trad. de M. E. Littré), París, 1877.
29 — "Inquérito sôbre as Superstições", Diário de S. Paulo, 1929 e 1930.

30 — Jorge de Lima, "Calunga", Liv. do Globo, Pôrto Alegre, 1935.
31 — "Encyclopédie des Sciences Occultes", ed. G. Anquetil, París, 1925.
32 — Sílvio Romero, "Estudos sôbre a Poesia Popular do Brasil", Rio, 1888.
33 — Leonardo Mota, "Violeiros do Norte", S. Paulo, 1925.
34 — Fernando São Paulo, "Linguagem Médica Popular no Brasil", ed. Barreto & Cia., Rio de Janeiro, 1937.
35 — "Publicações Farmacêuticas", S. Paulo, Ano I, n.º 3.
36 — Inquérito sôbre costumes populares organizado pela Sociedade de Etnografia e Folclore, de S. Paulo, 1937.
37 — Martins de Oliveira, "No País das Carnaúbas", Rio, 1931.
38 — Firmino A. Martins, "Folclore do Concelho de Vinhais", Coimbra, 1928.
39 — Gvoynn Jones, M. A., "Welsh Folklore", ed. Methuen & Cia. Ltd., Londres, 1930.
40 — Dr. Ramon Pardal, "Medicina Aborigen Americana", Humanior, José Anesi, Buenos Aires, sem data.
41 — Afrânio Peixoto, "Psico-Patologia Forense", Liv. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1923, 2.ª ed.
42 — Daniel Gouveia, "Folclore Brasileiro", Emp. Gráfica Editora Paulo Pongetti & Cia., Rio, 1926.
43 — Alberto Faria, "Aérides", ed. Jacinto Ribeiro dos Santos, Rio, 1918.
44 — J. Leite de Vasconcelos, "Ensaios Etnográficos", Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1910.
45 — "José Embarcadiço", "Trovador Marítimo", ou Lira do Marinheiro", ed. Quaresma & Cia., Rio, 1910.

46 — Alberto Faria, "Acendalhas", ed. Leite Ribeiro e Maurillo, Rio, 1920.

47 — Koch Gruenberg, "Vom Roroima zum Orinoco", Strecker und Schroeder, Stuttgart, 1924 (2.º volume).

48 — General Dionísio Cerqueira, "Reminiscências da Fronteira", F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, 1928.

49 — Auguste de Saint-Hilaire, "Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais", París, 1830.

50 — Jules Guiart, in "Biologie Médicale", París, ano 32, v. XXIV.

51 — Luiz da Câmara Cascudo, in "Panorama", S. Paulo, ano I, n.º 7.

52 — Leite de Vasconcelos, "De Terra em Terra", Imprensa Nacional, Lisboa, 1927.

53 — "Hippocrate", n.º de maio de 1933.

54 — Dr. Almeida Júnior, in "Revista da Faculdade de Direito", S. Paulo, v. XXXI, fasc. I.

55 — A. Bros, "La Religion des Peuples non Civilisés", ed. Léthilleux, París, 3.ª ed.

56 — Lévy-Bruhl, "La Mentalité Primitive", ed. Alcan, París, 1933, 8.ª ed.

57 — Hernani de Irajá, "Feitiços e Crendices", ed. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1932.

58 — Paul Sébillot, "Le Folk-Lore", ed. Octave Doin, París, 1913.

59 — Prof. Geraldo de Paula Sousa, in "Geografia", S. Paulo, ano I, n.º 2.

60 — E. R. Castex, "Cantos Populares", ed. La Lectura, B. Aires, 1923.

61 — N. Bukharin, "Tratado de Materialismo Histórico", ed. Caramurú, S. Paulo, 1933.

62 — "Breve Relação das Escrituras dos Gentios", in **Noticias Ultramarinas,** tomo I, Lisboa, 1812.

63 — Perestrelo da Câmara, "Coleção de Provérbios...", Rio de Janeiro, 1848.

64 — Lourenço Filho, "Joazeiro do Padre Cícero", ed. Comp. Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo.

65 — A. J. de Sousa Carneiro, "Furundungo", ed. Adersen, Rio, 1934.

66 — Leite de Vasconcelos, "Tradições Populares de Portugal", Pôrto, 1882.

67 — "Revista Nova", ano II, n.º 7, p. 366, S. Paulo, 1932.

68 — "Navegação do Capitão Pedro Álvares Cabral", in **Notícias Ultramarinas,** tomo II, Lisboa, 1867, 2.ª ed.

69 — E. B. Tylor, "La Civilisation Primitive", ed. Costes, París, 1920.

70 — Sílvio Romero, "Cantos Populares do Brasil", ed. Alves, Rio de Janeiro, 1897, 2.ª ed.

71 — Lévy-Bruhl, "Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures", ed. Alcan, París, 1928, 9.ª ed.

72 — Haggerty Krape, "Mithologie Universelle", ed. Payot, París, 1930.

73 — Otoniel Mota, "Horas Filológicas", Comp. Edit. Nacional, S. Paulo, 1937.

74 — José de Carvalho, "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", Belém, 1930.

75 — Alfredo Sarmento, "Os Sertões d'África", Lisboa, 1880 .

76 — Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, "A língua Bunda ou Angolense", Lisboa, 1859.

77 — Jaques Raimundo, "O Elemento Afro-negro na Língua Portuguesa", Renascença Editora, Rio, 1933.

78 — Afonso de E. Taunay, "A Vida Gloriosa e Trágica de Bartolomeu de Gusmão", Esc. Prof. Salesianos, S. Paulo, 1934.

79 — Lévy-Bruhl, "Le Surnaturel et la Nature dans la Mentalité Primitive", ed. Alcan, París, 1931.

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA 5

TERAPÊUTICA MUSICAL 13

Bibliografia consultada 57

A MEDICINA DOS EXCRETOS:

I 63

II 88

Bibliografia citada 125

EDIÇÃO

1045 A

Para pedidos telegraficos deste livro, basta indicar o numero 1045 A *antepondo* a esse numero a quantidade.

Exemplo: para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar:

GLOBO — Pôrto Alegre — 101045 A.

UMA LEITURA AGRADÁVEL E INSTRUTIVA

A LUTA CONTRA A MORTE

por *Paul de Kruif*



Neste livro admirável Paul de Kruif — médico e escritor norte-americano de grande renome — estuda minuciosamente as pesquizas científicas de Semmelweis, Banting, Minot, Spencer, Evans, Mac Coy, Schaudinn, Bordet, Wagner-Jauregg, Finsen Rollier, Strandberg, etc.

Em páginas impregnadas de rara beleza e suave romantismo, o autor descreve os trabalhos, as angústias, os sofrimentos e os êxitos desses homens geniais que dedicaram a vida inteira à luta contra a morte, muitas vezes menosprezados e incompreendidos pelos grandes cientistas de sua época.

Como foi descoberto o tratamento do tifo exantemático, da anemia perniciosa, da sífilis, da tuberculose, etc. A insulina e o seu criador. A cura pelo sol. O prolongamento da vida.

Preço: 15$000

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO — P. Alegre



A ODISSÉIA DE UM MÉDICO AMERICANO

por Victor Heiser

"A Odisséia de um Médico Americano" nos relata a peregrinação do dr. Victor Heiser através do mundo, já como médico da Marinha Norte-Americana saneando as Filipinas; já como médico da Fundação Rockefeller, trabalhando em Ceilão, na China, no Egito, etc. Como diz o próprio autor, sua missão foi "abrir a janela dourada do Oriente ao evangelho de saúde do Ocidente, para deixar entrar o saber, afim de que milhões de criaturas humanas que não tinham voz para exigir o que consideramos direitos inalienáveis se pudessem também beneficiar com as descobertas da ciência, para que também tivessem saúde, por fim".

"A Odisséia de um Médico Americano" é um livro impregnado de rara humanidade, razão por que tem obtido extraordinário êxito literário em todos os paises do mundo".

Tradução brasileira de Pepita de Leão.

Preços: 20$ br. e 25$ enc.

Edição da LIVRARIA DO GLOBO - Pôrto Alegre



A ODISSÉIA DE UM MÉDICO AMERICANO

por Victor Heiser

"A Odisséia de um Médico Americano" nos relata a peregrinação do dr. Victor Heiser através do mundo, já como médico da Marinha Norte-Americana saneando as Filipinas; já como médico da Fundação Rockefeller, trabalhando em Ceilão, na China, no Egito, etc. Como diz o próprio autor, sua missão foi "abrir a janela dourada do Oriente ao evangelho de saúde do Ocidente, para deixar entrar o saber, afim de que milhões de criaturas humanas que não tinham voz para exigir o que consideramos direitos inalienáveis se pudessem também beneficiar com as descobertas da ciência, para que também tivessem saúde, por fim".

"A Odisséia de um Médico Americano" é um livro impregnado de rara humanidade, razão por que tem obtido extraordinário êxito literário em todos os paises do mundo".

Tradução brasileira de Pepita de Leão.

Preços: 20$ br. e 25$ enc.

Edição da LIVRARIA DO GLOBO - Pôrto Alegre

MARIO DE ANDRAD
NAMOROS COM A MEDICINA
B.I.C.
5

000437